

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO *LATO-SENSU* EM GESTÃO EDUCACIONAL**

**A INTERAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA
NO CONTEXTO DA GESTÃO ESCOLAR**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Rui Ceccon

**Tio Hugo, RS, Brasil
2011**

A INTERAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NO CONTEXTO DA GESTÃO ESCOLAR

por

Rui Ceccon

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional, da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para
obtenção do título de
Especialista em Gestão Educacional

Orientadora: Profa. Ms. Alexandra Silva dos Santos Furquim

Tio Hugo, RS, Brasil

2011

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
Aprova a Monografia de Especialização

**A INTERAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NO CONTEXTO DA
GESTÃO ESCOLAR**

elaborada por
Rui Ceccon

**como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Gestão Educacional**

COMISSÃO EXAMINADORA:

Alexandra Silva dos Santos Furquim, Ms.
(Presidente/Orientadora)

Leila Adriana Baptaglin, Ms. (UFSM)

João Luis Ourique, Dr. (UFPel)

Maiane Liana Hatschbach Ourique, Ms. (Suplente)

Tio Hugo, 15 de janeiro de 2011.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida e pela oportunidade de estar agregando mais conhecimento.

Agradeço a minha irmã Voni que me acompanhou na trajetória inicial rumo ao conhecimento.

Agradeço a minha mãe e meu pai (in memória) que mesmo analfabetos sempre estiveram presentes, me apoiando e incentivando.

Agradeço a minha família (Rejane, William, logo, Yuri) pelo incentivo e compreensão durante os momentos de estudo que os deixei.

Agradeço a meus professores e tutores pela dedicação e acompanhamento durante o curso.

Agradeço a minha orientadora pela dedicação e estímulo para a realização deste trabalho.

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

A INTERAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NO CONTEXTO DA GESTÃO ESCOLAR

AUTOR: RUI CECCON
ORIENTADORA: ALEXANDRA SILVA DOS SANTOS FURQUIM
Tio Hugo/RS, 15 de janeiro de 2011.

Este trabalho objetivou refletir sobre a importância da interação família e escola no processo de aprendizagem escolar. Para esse fim, analisou-se a participação da família na educação dos filhos, enumerando os fatores que exercem maior influência na interação entre a família e a escola. Também se buscou conhecer a ação da Escola Municipal Antônio de Godoy Bueno, localizada em Mormaço/RS, no processo de interação com a família e como ocorre a interação entre esses dois espaços educativos. Com uma abordagem qualitativa, a pesquisa foi desenvolvida através de questionários respondidos por 4 professores gestores, 1 diretor gestor, 4 pais e 4 alunos. Os dados do estudo foram analisados segundo a técnica de análise de conteúdo. A partir da pesquisa constatou-se que há certo distanciamento entre escola e família e que ambas têm objetivos semelhantes e os papéis de cada um desses espaços educativos em determinados momentos se confundem. Nesse contexto, considera-se que cabe à escola adotar uma política de aproximação para em parceria com a família superarem as dificuldades e em cooperação traçarem um caminho que leve as duas instituições a atingirem seus objetivos perante a aprendizagem discente.

Palavras-chave: Escola, Família, Interação.

RESUMEN

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

LA INTERACCIÓN ENTRE FAMILIA Y ESCUELA EN EL CONTEXTO DE LA GESTIÓN DE LA ESCUELA

AUTOR: RUI CECCON

SUPERVISORA: ALEXANDRA SILVA DOS SANTOS FURQUIM

Tío Hugo/RS, 15 de enero de 2011.

Este estudio tuvo como objetivo reflexionar sobre la importancia de la interacción entre la familia y la escuela en el proceso de aprendizaje escolar. Para ello, se analizó la participación de la familia en la educación de los niños, enumerando los factores que más influyen en la interacción entre la familia y la escuela. También trató de conocer la acción de la Escuela Municipal de Antonio Bueno Godoy, ubicado en Mormaço, RS, en las interacciones con la familia y como ocurre la interacción entre estos dos espacios educativos. Con un enfoque cualitativo, la investigación se llevó a cabo a través de cuestionarios respondidos por los docentes cuatro profesores gerentes, un director gerente, cuatro padres y cuatro estudiantes. Los datos del estudio fueron analizados de acuerdo al análisis de contenido. De la investigación se encontró que existe una cierta brecha entre la escuela y la familia y que ambos tienen objetivos similares y las funciones de cada uno de estos espacios educativos en determinados momentos se superponen. En este contexto, se considera que la escuela adopte un enfoque político a la asociación con la familia a superar las dificultades en la cooperación y trazar un camino que conduce a las dos instituciones para lograr sus objetivos hacia el aprendizaje de los estudiantes.

Palabras-clave: Escuela, Familia, Interacción.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CPM	Círculo de Pais e Mestres
LDB	Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação.
PPP	Proposta Político Pedagógica
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SICREDI	Sistema de Crédito Cooperativo
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
ULBRA	Universidade Luterana Brasileira
UNIGRAN	Universidade da Grande Dourados
UPF	Universidade de Passo Fundo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1	17
1 A INTERAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM ESCOLAR.....	17
1.1 A tarefa escolar como forma de interação.....	20
1.2 A gestão escolar aproxima família e escola e gera qualidade na educação?	21
CAPÍTULO 2	31
2 AS INTERAÇÕES ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA	31
2.1 A expectativa dos professores e diretora em relação à participação da família no contexto escolar.....	31
2.2 A expectativa da família em relação à participação no contexto escolar	41
CAPÍTULO 3.....	50
3 DESAFIOS DA GESTÃO ESCOLAR FRENTE À INTERAÇÃO FAMÍLIA/ESCOLA E À APRENDIZAGEM	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS.....	55
APÊNDICES	60
Apêndice A – Questionário para professores e diretora	61
Apêndice B – Questionário para alunos	64
Apêndice C – Questionário para pais.....	67
Apêndice D – Termo de consentimento livre e esclarecido	70

INTRODUÇÃO

A educação é um processo de desenvolvimento intelectual, social, moral, físico do sujeito que ocorre na família, na escola e na sociedade. Segundo Vigotsky (1987) as condições do ambiente são fundamentais para a constituição do sujeito lúcido e consciente e as interações sociais com pessoas adultas ou da mesma idade orientam o desenvolvimento da criança. Ainda, Vigotsky (1989) destaca que a interação entre membros mais experientes com menos experientes ajuda a resolver vários problemas.

Nesse contexto, a presente monografia tematiza sobre a relação família e escola, tendo em vista que quando um sujeito ingressa no sistema escolar continua a ser filho, irmão, amigo e que a aprendizagem ocorre nas vivências, tanto escolares como familiares, por isso se a relação família e escola não vai muito bem, pode influenciar no desenvolvimento escolar dos alunos e na aproximação ou afastamento desses dois espaços educativos.

Maimoni e Bortone (2001) destacam que pesquisas realizadas indicam que o envolvimento dos pais pode ocorrer através do acompanhamento das tarefas e dos trabalhos escolares, informar-se sobre matérias e provas, estabelecer horários de estudo. Também, acompanhar o rendimento do aluno na escola, estimular o desenvolvimento por meio do reforço aos esforços do aluno, participar na programação da escola, isto é, participação ativa nas reuniões, eventos e elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP), dentre outros aspectos.

Tiba (2002) afirma que escola e família sozinhas não conseguem êxito na educação escolar dos filhos, mas que quando aliadas proporcionam condições favoráveis para que o aluno desenvolva-se bem em seu processo educacional. Logo, as relações de interação devem ser positivas entre esses ambientes socializadores e educativos. A qualidade dessas relações depende das condições de acesso para a interatividade que necessita partir preferencialmente da escola, contemplando não apenas os problemas escolares, mas conhecer o modo de ser e de viver dos pais e alunos, respeitando os papéis das instâncias envolvidas.

Assim, um espaço pode auxiliar o outro no processo de aprendizagem, sendo que essa ajuda pode acontecer de forma consciente se a escola conhecer seu aluno e sua família, pois conhecendo sua história e a família, a escola pode ajudá-lo a

superar suas limitações como no meu caso, que o contato com a escrita iniciou muito cedo, no âmbito familiar, no qual iniciei minha alfabetização, estimulado e orientado por minha irmã mais velha e pela curiosidade, pois lembro que guardava as notas fiscais velhas que meu pai descartava e sentia muito prazer em rabiscar nelas à noite, ao redor do fogão à lenha meus irmãos e meu pai contavam histórias. Gostava de olhar os livros e cadernos de meus irmãos e aos poucos minha irmã mais velha passava atividades para eu fazer, embora minha vida escolar tenha iniciado no ano em que eu completei oito anos de idade.

Minha irmã mais velha, paralelamente, continuou a ensinar-me em casa, e graças ao trabalho dela, além de chegar à escola sabendo os numerais até cem, o alfabeto, escrever frases, ler um pouco e fazer cálculos, me auxiliava nos estudos em casa, tomando leitura e revisando o conteúdo que a professora dera, sempre passando algo a mais que normalmente era o conteúdo do outro dia. Por isso me passaram para a primeira adiantada, cuja turma era formada por alunos repetentes e indisciplinados.

Comecei a ler livros orientado pela minha irmã, virei um leitor assíduo, era um livro por dia, não via a hora de chegar na escola e trocar de livro. Apaixonei-me pelos livros e ainda lembro-me da história e das imagens que criei em minha mente ao ler *As viagens de Marco Pólo* (ALMEIDA, 1973).

Outro fato que se salienta na minha vida, apesar de sempre passar com média e sem recuperação, é o de ter tido muita dificuldade em Língua Portuguesa até o primeiro ano do antigo Segundo Grau, hoje Ensino Médio. Nesse momento foi que despertei para a produção textual, por causa do estímulo que recebi da professora de Português que pediu para escrever um texto poético e eu aproveitei e escrevi o que me incomodava:

A partida

Naquela tarde de verão
Vi pela última vez meu irmão
No campo das almas dormidas
Entre tantas vivas, sofridas
Sua cama fechada
Sua casa florida
Sem porta nem janela

No outro dia

Bem cedo
Voltei correndo
Com vontade de ver
Meu irmão.

E vi em cada flor
uma gota d'água
Não sei se foi
o orvalho
ou Deus
que havia chorado
Por ter levado
tão cedo meu irmão.

E ao passar em minha classe, a professora que não lembro o nome nem a fisionomia pediu que eu lesse o poema. Li, as lágrimas molharam meu rosto, mas algo dentro de mim já não era mais como antes, não sentia mais tanta dor e revolta pela perda de meus irmãos, que ocorreram de forma trágica e que eu presenciei.

Abandonei os estudos, só retomando-os aos vinte e dois anos quando cursei o supletivo oferecido pela Universidade de Passo Fundo (UPF) que habilitava ao Magistério, estimulado por minha esposa. No mesmo ano, comecei a trabalhar em uma escola na qual tinha de fazer desde a merenda, até a limpeza, além de ser o diretor e o único professor de primeira a quarta série. Nessa escola, a participação da família foi uma constante preocupação, cuja participação resultou em melhorias na escola e comunidade, além da ajuda que davam nos trabalhos de manutenção e para a realização de eventos, a fim de arrecadar fundos e integrar as famílias e comunidade, as famílias participavam na realização de eventos que visavam a educação da comunidade como um todo.

Cursei Letras na UPF (1999-2003) e passei a trabalhar como professor de Língua Portuguesa e Língua Espanhola em todas as escolas municipais de Mormaço/RS, além de exercer o cargo de diretor em três delas. Também trabalhei na educação infantil, séries iniciais, fui alfabetizador, exerci o cargo de diretor geral de educação e secretário municipal de educação. Durante esse percurso desenvolvi gestão democrática participativa e interativa, conseqüentemente a educação de Mormaço foi incrementada com oficinas, atividades complementares, apoio pedagógico, aulas de reforço e atendimento educacional especializado aos portadores de necessidades especiais.

Promovi, em parceria com outras secretarias, reuniões, palestras, nas quais pais e professores eram ouvidos e a partir de suas colocações elaborávamos os planos de ações da secretária no âmbito da educação, inclusive a Lei de Diretrizes Orçamentária era construída com a participação de pais, professores e demais profissionais de educação. Nas reuniões, além das discussões administrativas, eram trabalhados temas de interesse de professores e família, como por exemplo, as fases de desenvolvimento da criança, em que participavam dos encontros fonoaudióloga, psicóloga, dentre outros profissionais. Na Secretaria a equipe se reunia e com os dados obtidos se reelaborava as estratégias de ações.

Na Escola Municipal Antônio de Godoy Bueno, localizada no município de Mormaço, quando assumi a direção, a escola apresentava altos índices de reprovação e muitos casos de indisciplina, diagnosticado que havia um distanciamento entre o que os professores esperavam e a capacidade de desempenho dos alunos. Nesse contexto, desenvolvi um projeto que levou os professores a visitarem os alunos para conhecer sua família e sua realidade.

Visitamos as famílias dos alunos e a partir dos dados coletados os professores, ao planejarem suas ações pedagógicas, consideravam a realidade dos alunos, conseqüentemente, os pais passaram a participar mais nas reuniões, nos eventos, nos conselhos de classes, nos quais eram levados os problemas e apontadas sugestões por alunos, pais e professores e, juntos, escola (professor, aluno, equipe gestora e funcionários) e família (pais e filhos) elaboravam as metas para solucionar os problemas e atingir os objetivos propostos.

Em 2006, cursei pós graduação em Psicopedagogia na Faculdade Integrada Facvest. Atualmente estou atuando em duas escolas do município de Mormaço, nas quais trabalho com Agroecologia, Língua Espanhola e reforço de Língua Portuguesa e cursando pós graduação em educação a distância pela Universidade da Grande Dourados (UNIGRAN) e Mídias na educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Percebo que há um distanciamento entre a escola e a família, sendo que na grande maioria das vezes, a família tem sido apontada como omissa pelos professores. No entanto, será que a escola também não está omissa na sua obrigação de promover a participação da família na educação do aluno e na elaboração da proposta pedagógica?

Optei pelo estudo da interação família e escola, porque os professores

esperam o apoio da família que é essencial para o bom desempenho do aluno. No entanto, essa expectativa torna-se fator de acusação, responsabilizando a família pelo mau desempenho escolar do aluno. Portanto, se há ausência dos pais às reuniões, esse fato pode ser um indicativo de pouco acompanhamento da vida escolar do aluno por parte dos pais?

As queixas dos professores da Escola Municipal Antônio de Godoy Bueno quanto ao desinteresse do aluno pelo estudo dos filhos, o baixo desempenho escolar, o não atendimento aos pedidos e expectativas da escola quanto ao acompanhamento, apoio, incentivo e ausência dos pais nas reuniões pedagógicas, motivaram o desenvolvimento dessa pesquisa que pretende analisar a participação da família na escola, a qual é fundamental para a aprendizagem do aluno e entender essa relação na prática, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio de Godoy Bueno, identificando como ocorre a relação família e escola, quais as queixas e expectativas de ambos, assim como quais as queixas e o que a gestão escolar faz para garantir a participação da família na vida escolar do aluno para auxiliar no processo de sua aprendizagem.

Nesse trabalho busquei destacar as vantagens da interação que pode ser a chave para muitas soluções de problemas enfrentados hoje na escola. Para tal, o objetivo deste estudo foi refletir sobre a importância da interação família e escola no processo de aprendizagem escolar. Para esse fim, analisei a participação da família na educação dos filhos, enumerando os fatores que exercem maior influência na interação entre a família e a escola. Também busquei conhecer a ação da escola no processo de interação com a família e verificar como ocorre a interação entre a escola e a família na Escola Municipal Antônio de Godoy Bueno.

Os pressupostos teóricos que embasaram o estudo são decorrentes de documentos e livros de autores tais como Paro (1997; 2000; 2007), Parolim (2003), Maimone e Bortone (2001), Piaget (2007), Gadotti (1999), Lück (1998; 2002), Libaneo, Oliveira e Toschi (2005), La Taille (1992; 1996), Freire (1979; 1994; 1996) Vasconcellos (2001) e documentos resultados de pesquisas e entrevistas como Sônia Kruppa (2007) dentre outros.

Procurando elucidar o tema interação família e escola, a pesquisa tem um enfoque qualitativo. A pesquisa qualitativa, segundo Richardson et al. (1999, p. 99),

[...] pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão

detalhada dos significados e características situacionais apresentadas/pelos entrevistados/em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos.

O levantamento das informações para a sustentação dessa investigação ocorreu sob forma de questionários, com perguntas fechadas e abertas, apresentadas aos pais, professores, alunos e diretor/gestor.

No questionário, as perguntas fechadas apresentam vantagens e desvantagens. Entre as vantagens está o fato de que elas podem concorrer para esclarecer o significado da pergunta, são mais fáceis de ser respondidas e há o aumento da probabilidade de devolução por parte dos participantes da pesquisa. Entre as desvantagens destaca-se a ausência da autêntica opinião dos respondentes. Assim, como as questões fechadas, as perguntas abertas nos questionários apresentam desvantagens e vantagens, destacando que neste tipo de perguntas é a subjetividade da respostas e a dificuldade de escaloná-las e analisá-las o que exige mais tempo.

Desenvolvi a pesquisa na Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio de Godoy Bueno, localizada no interior do município de Mormaço/RS. A escola atende 154 alunos, sendo 84 alunos das Séries Finais do Ensino Fundamental. Os participantes do estudo foram os atores dos Anos Finais do Ensino Fundamental da Escola, sendo um grupo de pais, um de alunos, um diretor e quatro professores da escola pesquisada, especificados no quadro 1.

EMEF Antonio de Godoy Bueno	Número de entrevistados
Professores	4
Alunos	4
Pais	4
Diretor	1

Quadro: 1 População da Pesquisa

Fonte: Quadro elaborado pelo autor

Enviei questionários aos professores e apliquei a um grupo de alunos

escolhidos dentre os que apresentam problemas de aprendizagem e os que não apresentam problemas de aprendizagem, segundo os professores, e respectivamente enviado aos pais desses alunos.

Realizei pesquisa de campo, com a coleta de dados através da aplicação de instrumento de pesquisa: questionário com professores e diretor (apêndice A), alunos (apêndice B) e pais (apêndice C). O período da coleta de dados foi de julho a outubro de 2010. Segundo Marconi; Lakatos (1999, p. 167):

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.

Desse modo, no questionário enviado aos pais, elaborei as primeiras cinco questões de forma fechada, buscando informações dos pais se ocorre ação pedagógica em casa, em que momentos e se há dificuldade por parte dos pais em auxiliar os filhos no ato pedagógico que ocorre em casa. A partir da sexta questão as perguntas passam a ser abertas, sendo que na sexta pergunta busquei saber como é a reação dos pais ao serem chamados na escola e se participam das reuniões, na sétima busquei informações de ações que ocorrem por parte da família quando o aluno apresenta dificuldades na escola, na oitava perguntei quais são as responsabilidades da família na educação dos filhos, na nona perguntei como os pais tem acompanhado os estudo dos filhos, buscando informações de como se dá o acompanhamento, na décima busquei saber qual é a visão de escola que a família tem e na décima primeira qual é a expectativa em relação a escola. A partir da décima segunda pergunta, busquei informação a respeito da interação e participação entre a escola e família e na décima sétima objetivei colher informações as partir das sugestões se há o conhecimento teórico da importância da participação e formas que podem ocorrer.

No questionamento aos alunos busquei informações de como essa clientela percebe a interação entre a família e a escola, para tal utilizei perguntas fechadas e abertas semelhantes às aplicadas aos pais, porém objetivando a resposta na visão do aluno. O questionamento aos alunos se compôs de duas questões fechadas e treze abertas.

Aos professores, iniciei o questionamento sobre o papel da família na

educação dos filhos e seguiu perguntando sobre a escola, no caso o que o professor espera da família em relação à ajuda ao aluno e quais as responsabilidades da família na educação dos filhos. Na sétima questão voltei o foco para as ações da escola em relação à interação com a família, como ocorre essa interação e se é posta em prática as decisões tomadas em reuniões e se há a construção coletiva da proposta pedagógica. O questionamento totalizou dezesseis questões abertas.

Enviei ao todo 13 questionários, sendo 4 para professores, 4 para pais, 4 para alunos e 1 para a diretora, dos quais retornaram 13 que equivalem a 100% (cem por cento), o que constitui-se em um número aceitável de retorno que garante a qualidade da análise dos dados. Marconi; Lakatos (1999, p. 178) elucidam que “em média, os questionários expedidos pelo pesquisador alcançam 25% de devolução”. Organizado os dados coletados, com os questionários, trabalhou-se com a análise de conteúdo dos materiais. A análise dos mesmos ocorreu de forma qualitativa, de acordo com o referencial teórico pertinente a partir dos pressupostos da análise de conteúdo.

De acordo com Bardin (2002), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, onde abrange atividades de explicitação, sistematização e manifestação do conteúdo de mensagens. Esta abordagem tem por propósito efetuar deduções lógicas e justificadas, referentes à origem das mensagens tomadas por consideração. Bardin (2002, p. 42) define análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Na organização dos dados, utilizei a técnica de análise temática ou categorial, de acordo com Bardin (2002), fundamenta-se em operações de desmembramento do texto em unidades, ou seja, descobrir os diferentes núcleos de sentido que constituem a comunicação, e posteriormente, realizar o seu reagrupamento em classes ou categorias.

Assim, dentro do estudo e das falas dos pesquisados dividi em três grupos os dados para a análise desta pesquisa, facilitando com isso a compreensão das opiniões dos diferentes sujeitos envolvidos, sendo professores e diretora, pais e

alunos.

No grupo de professores e diretora compilei as respostas em sete categorias centrais: 1- Funções da escola; 2- Papel da família; 3- Concepções e expectativas em relação à escola; 4- Concepções e expectativas em relação à escola 5- Responsabilidade da família; 6- A participação da família no processo ensino e aprendizagem discente; 6-As responsabilidades da família na visão dos professores; 7- O diálogo entre escola e família no aspecto pedagógico.

No grupo de pais e alunos compilei as resposta em seis categorias: 1- Acompanhamento, incentivo e ajuda; 2- A responsabilidade da família; 3- Concepções e expectativas em relação à família; 4- Concepções e expectativas em relação à escola; 5- Aspectos interativos; 6 - Aproximação família e escola.

Coletado os dados, lancei o registro em dois subtítulos: A expectativa dos professores e diretora em relação à participação da família no contexto escolar e a expectativa da família em relação à participação no contexto escolar.

O trabalho conta com a introdução, na qual estão os objetivos, o tema, o problema, a trajetória ao encontro do tema e a metodologia adotada na pesquisa. Em seguida se apresenta o primeiro capítulo intitulado “A interação família e escola: contribuições para o processo de aprendizagem escolar”, no qual se encontra o aporte teórico. Esse capítulo está subdividido em duas seções: a tarefa escolar como forma de interação, a gestão escolar aproxima família e escola e gera qualidade na educação?. No segundo capítulo, “As interações entre escola e família”, apresento os dados e a análise dos mesmos. No terceiro abordo os “Desafios da gestão escolar frente à interação família/escola e à aprendizagem”, no qual retomo os dados da pesquisa e com aporte teórico busco caminhos para a consolidação da gestão democrática participativa em prol da qualidade na aprendizagem. Concluo o trabalho com as considerações finais, nas quais retomo os objetivos da pesquisa e apresento algumas considerações acerca do trabalho desenvolvido.

CAPÍTULO 1

1 A INTERAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM ESCOLAR

A educação escolar se efetiva na interação entre família, escola e sociedade, através da qual o indivíduo constrói seus valores e conhecimentos, também quando há sintonia entre os espaços, a aprendizagem ocorre de forma mais tranqüila, sem muitos problemas. A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) reconhece a amplitude da dinâmica educativa registrada em seu primeiro artigo:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisas, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 1996)

Nesse sentido, a efetivação da educação ocorre se a escola criar um ambiente de parceria na busca de práticas pedagógicas e de gestão adequado ao desenvolvimento de um currículo intercultural que valorize a cultura e o contexto familiar e social em que os alunos estão inseridos. O processo educativo é múltiplo e complexo, portanto, para superar as dificuldades precisa-se construir um projeto comum entre os agentes envolvidos no processo. Sendo assim,

Aos responsáveis pela gestão escolar compete, portanto, promover a criação e a sustentação de um ambiente propício à participação plena, no processo social escolar, dos seus profissionais, de alunos e de seus pais, uma vez que se entende que é por essa participação que os mesmos desenvolvem consciência social crítica e sentido de cidadania (LÜCK, 2001, p.18).

A escola, adotando procedimentos que direcionem sua ação para um processo significativo que desenvolvam espaços de interação entre os agentes para que juntos e na troca de experiências e ideias e na construção cooperativa, oferece educação de qualidade e forma cidadãos.

Segundo Piaget (1976, apud LA TAILLE, 1992, p.14) “o ser social” é aquele que consegue relacionar-se com seus semelhantes de forma equilibrada, logo é indispensável para a aprendizagem a interação entre escola e família, para que haja

um relacionamento sociável entre as duas instituições.

Trevisan (2007) destaca que a educação escolar é um processo coletivo que ocorre em um determinado espaço, ou seja, na instituição chamada escola, a qual deve ser gerida por políticas que objetivem a realização do bem comum para responder as demandas imediatas e as de longo prazo. A referida autora também afirma que a relação educacional vai além da relação professor aluno e abrange todos os envolvidos no processo.

Nesse sentido, Kruppa (2007) diz que o grupo é que tem de assumir a formação do educando e, para que esse coletivo se forme, é preciso haver participação e a comunidade construir seus projetos para atender a sua população.

A interação entre escola e família é fundamental para que ocorra a aprendizagem, pois, conforme Gadotti (1999), para ocorrer a interação, a escola precisa interagir com humildade na posição de quem não sabe tudo e que o homem é um ser com experiência de vida e por isso também portador de saber. Logo, mesmo pais que não tem conhecimento acadêmico podem auxiliar, pois tem o conhecimento de suas vivências.

Na escola acontecem milhares de interações, embora a central seja a professor e aluno, a relação com a família é especial e polêmica, pois a escola queixa-se de que muitas famílias têm deixado a tarefa de educar para a escola. Também quando a aprendizagem vai bem não existem reclamações, mas se o rendimento ficar abaixo do esperado ou se surgir problema de indisciplina a culpa é da família, que está desestruturada, não coloca limite, não participa da escola e se omite da sua função.

Tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo: no entanto a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa instituição. A escola tem sua metodologia, sua filosofia, no entanto ela necessita da família para concretizar seu projeto educativo. (PAROLIM, 2003, p. 99)

A escola e a família necessitam uma da outra e as ações do cotidiano da escola e da família devem ir ao encontro dos objetivos traçados pela escola e família, e ambas exercendo sua responsabilidade no processo de aprendizagem. É fundamental que alunos, família e a escola estabeleçam uma cooperação entre si. Entretanto, esta cooperação se efetiva quando a escola promover projetos de

conscientização junto às famílias de seus alunos, salientando a importância da ação de cada um no desenvolvimento da criança e que embora essa parceria, escola e família, seja essencial, cada um deve ser respeitado nas suas individualidades, assim, tanto a escola como a família poderá contribuir no desenvolvimento integral dos educandos.

Escola e família exercem papéis distintos no processo educativo. Evidencia-se muitas vezes uma confusão desses papéis. A principal função da família é a transmissão de valores morais às crianças. Já a escola cabe a missão de recriar e sistematizar o conhecimento histórico, social, moral. (AQUINO, 1998 apud TREVISOL, p. 7)

A família é muito importante no processo de ensino e aprendizagem, devendo participar da vida escolar e social dos filhos, interagindo com outros encarregados da formação dos filhos. Ela é a base, o fio condutor para que a criança entenda, respeite e participe do processo educativo, adequadamente, facilitando não só o seu desenvolvimento como também o trabalho da escola. Assim, família e escola juntas podem alcançar melhores resultados neste processo.

1.1 A tarefa escolar como forma de interação

Uma das formas tradicionais de interação entre família e escola é a lição de casa que tem múltiplas finalidades e uma delas é conectar família e escola e aproximar pais e alunos no ato pedagógico extraclasse, além de envolver o relacionamento afetivo entre pais e filhos, permite a verificação parcial, por parte da família, do trabalho desenvolvido pela escola.

O Ministério da Educação (MEC) publicou em 2002 a cartilha “Educar é uma tarefa de todos nós” a qual orienta à participação da família no dia a dia da educação dos filhos (BRASIL, 2002), sendo uma das sugestões a de acompanhar as lições de casa. No entanto, essas atividades extraclasse devem servir para envolver a família na ajuda para despertar o interesse pela aprendizagem e não para que os pais assumam o papel de professores, como orienta na apresentação da cartilha o ministro Paulo Renato de Souza, diz aos pais que:

Pesquisas mostram que o envolvimento da família na vida escolar das crianças é fundamental. A família é capaz de despertar o interesse e a curiosidade delas e incentivar a sua aprendizagem. Por isso, o seu compromisso é indispensável. Não queremos que vocês se transformem em professores de suas crianças, basta que acompanhem a vida escolar delas, valorizem suas tarefas, estimulem-nas a gostarem de aprender. (BRASIL, 2002)

Segundo dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) de 2003, o hábito de fazer a lição de casa melhora o rendimento do aluno. Esse estudo enfocou especificamente se os pais ou responsáveis conversam sobre o que acontece na escola e cobram a lição de casa. Segundo Carvalho (2004), o envolvimento da família na escola via dever de casa tem implicações, pois ao requer a contribuição acadêmica da família, pressupõe que há uma estrutura familiar de apoio às atividades escolares.

A escola ao formular sua proposta pedagógica deve considerar a relação entre modelos de organização curricular e pedagógica e modelos de organização familiar para que o dever de casa seja uma prática desejável. Segundo Franco (2002), o dever de casa tem recaído sobre as mães, as quais se queixam que a lição de casa é causadora de mal estar no relacionamento familiar quando o aluno não consegue realizá-la. Também, o dever de casa é uma forma de interação que pode aproximar a família e escola quando a supervisão dos pais acontece e o aluno o faz ou pode distanciar as instituições se o aluno não o faz, pois nesse caso, os professores reclamam da falta de cooperação da família, a qual culpa a criança por não ter aprendido ou a professora que não ensinou direito ou ainda que passou deveres inadequados.

A eficácia do dever de casa depende não apenas da contribuição da família, mas do planejamento pedagógico empreendido pela escola, para que, segundo Rebelo e Correia (1999), o apoio familiar no desempenho escolar dos alunos não resulte em impaciência, hostilidade e conflitos na relação família-escola. Nesse sentido, Perrenoud (1995) diz que as solicitações escolares aos pais tendem a “enervá-los, culpabilizá-los, colocando-os em situação de incompetência ou impotência” e adverte que a lição de casa não é feita para os pais, que estes não são os responsáveis pelo trabalho que os filhos têm de fazer em casa. Diante desse contexto, a família deve ser estimuladora da realização da lição de casa, enquanto é responsabilidade da escola preparar o aluno para realizá-lo com autonomia.

1.2 A gestão escolar aproxima família e escola e gera qualidade na educação?

A construção de uma escola de qualidade pressupõe uma forma de gestão preocupada com a participação de todos os membros da comunidade escolar, pois não se concebe uma escola sem o mínimo de abertura ao diálogo com aqueles que, direta ou indiretamente, contribuem para a consecução do ensino e promoção da aprendizagem. Assim é que a escola, além de estimular a integração interna, deve procurar estabelecer parcerias com organizações comunitárias para somar esforços e garantir a continuidade do processo de sua democratização. Para tal, os membros que compõem a comunidade escolar precisam atuar de maneira conjunta para decidir sobre as diretrizes educacionais que mais se ajustem ao seu contexto. Paulo Freire (1988) era defensor deste processo que já deveria basear-se no diálogo.

A gestão escolar é importante, na medida em que se busca uma escola que atenda às atuais exigências da vida social: formar cidadãos, oferecendo, ainda, a possibilidade de apreensão de competências e habilidades necessárias e facilitadoras da inserção social.

A expressão “gestão democrática” foi incorporada ao vocabulário pedagógico da escola pública brasileira, a qual iniciou a sua aplicação na prática via participação da comunidade escolar, pois a participação é o principal meio de assegurar a gestão democrática na escola, possibilitando o envolvimento dos profissionais da educação, alunos e comunidades em geral na tomada de decisões e no funcionamento da organização escolar. Como processo, deve ser construída no cotidiano das relações escolares, pois a escola não pode ser uma instituição isolada em si mesma, mas integrada e interagida com a vida social mais ampla, mas principalmente com a família.

A gestão escolar democrática está prevista na Constituição Federal de 1988, art. 206, VI: “gestão democrática do ensino público, na forma da lei”; Está constituída também na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB n. 9.394 de 20/12/96), em seu art. 3, VIII, art. 12, VI, art. 13, VI, e principalmente no art. 14, I e II, que se refere a necessidade de participação da comunidade escolar no acompanhamento e participação nas decisões. É imprescindível para a gestão escolar democrática da educação a autonomia, a representatividade social e a formação da cidadania. Nesse contexto, Libâneo; Oliveira; Toschi (2003, p. 294) diz que:

As instituições escolares, por prevalecer nelas o elemento humano, precisam ser democraticamente administradas, de modo que todos os seus integrantes canalizem esforços para a realização de objetivos, educacionais, acentuando-se a necessidade da gestão participativa e da gestão da participação.

A LDB 9.394/96 (BRASIL, 1996), em seus artigos 14 e 15, apresenta a seguinte normatização:

Art. 14 - Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios: I. participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola; II. Participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes. Art. 15 - Os sistemas de ensino assegurarão às unidades escolares públicas de educação básica que os integram progressivos graus de autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira, observadas as normas de direito financeiro público.

A lei não só aponta a gestão democrática como espaço para a iniciativa e a participação, mas cobra isso do contexto escolar. Ela delega poderes (autonomia administrativa e orçamentária) para a direção da escola resolver o desafio da qualidade da educação no âmbito de sua instituição. A qualidade da educação é interesse tanto da escola, quanto dos alunos e de suas famílias. Sua melhoria depende da busca de sintonia da escola consigo e com seus atores, aluno e família. Uma escola de qualidade tem uma personalidade especial, que integra suas equipes internas, a comunidade externa na busca do desenvolvimento pedagógico.

Por isso, a interação entre o diretor, professores, pais e alunos, ou seja, tanto um como o outro, ao tomarem suas decisões não às podem tomar isoladamente, precisam estar articulando também com as ideias da comunidade a qual esta representada na instituição escolar.

A família deve ser orientada a assumir suas responsabilidades que favoreçam a aprendizagem do aluno, como dialogar com os filhos sobre a importância de saber para vida pessoal e profissional, observar diariamente os materiais escolares, acompanhar e orientar as tarefas de casa. Sempre que necessário e possível, freqüentar a escola para interagir com professores e equipe pedagógica sobre o planejamento e trabalho escolar. Também em casa, demonstrar com atitudes o amor que sente pela criança ou adolescente.

Nesse contexto, o professor deixa de centralizar as responsabilidades, passa

a ser articulador de um processo de construção coletiva e democrática nas decisões da escola e na construção pedagógica em sala de aula e extraclasse.

A interação família e escola pode ocorrer em órgão colegiado e um deste é o conselho escolar que o próprio MEC, por reconhecer a importância dos conselhos escolares, lançou no ano de 2004, o Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares, com o objetivo de incentivar a implantação dos conselhos nas escolas públicas e fortalecer a atuação dos já existentes.

Aos conselhos escolares cabem as funções consultiva, deliberativa e fiscalizadora nas questões pedagógico-administrativo-financeiro. Segundo Cavalcante (2005, p.01), “os conselhos escolares não funcionam apenas como unidades executoras, que administram os recursos financeiros, mas também como órgãos deliberativos que cuidam da qualidade da aprendizagem dos estudantes”.

O conselho escolar tem por finalidade efetivar a gestão escolar, na forma colegiada, articulando comunidade escolar e escola, constitui-se no órgão máximo de direção, sendo a gestão o processo que rege o funcionamento da escola, compreendendo tomada de decisão, planejamento, execução, acompanhamento e avaliação das questões administrativas e pedagógicas, efetivando o envolvimento da comunidade, no âmbito da unidade escolar, baseada na legislação em vigor e nas diretrizes pedagógicas. De acordo com o MEC, os objetivos do conselho escolar são:

- I. Democratizar as relações no âmbito da escola, visando à qualidade de ensino através de uma educação transformadora que prepare o indivíduo para o exercício da plena cidadania;
- II. Promover a articulação entre os segmentos da comunidade escolar e os setores da escola, a fim de garantir o cumprimento da sua função que é ensinar;
- III. Estabelecer, para o âmbito da escola, diretrizes e critérios gerais relativos à sua organização, funcionamento e articulação com a comunidade de forma compatível com as orientações da política educacional da Secretaria de Educação, participando e responsabilizando-se social e coletivamente pela implementação de suas deliberações. (BRASIL, 2010)

Em síntese, o conselho é responsável pelo estudo, planejamento, discussão, deliberação, acompanhamento, controle e avaliação das ações escolares, cabendo ao diretor, professores, alunos, pais e demais profissionais de educação praticar as decisões colegiadas.

A consciência e a ação democrática precisam ser efetivadas dentro da escola, a fim de que toda a comunidade escolar possa saber colocar em prática sua cidadania participando ativamente, de forma consciente, intervindo na realidade na

qual está inserida, e assim a evolui e a transforma. A gestão democrática depende da vontade política dos gestores escolares de ampliar os espaços de participação da família que representa a maior parcela da comunidade escolar e da forma que organiza e disponibiliza essa participação.

O SAEB tem mostrado que a participação dos pais é de fundamental importância para o desempenho escolar e social das crianças, o que a LDB 9.394/96, já dizia sobre a presença da família no contexto escolar, no entanto, mesmo a legislação sendo ampla no aspecto à inclusão familiar no contexto escolar, esta não garante a inclusão, pois cabe à escola levar em consideração que a família busca atingir os mesmos objetivos, levar o aluno ao aprendizado globalizado, portanto devem estes comungar os mesmos ideais, pois

A escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida a escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos. (REIS, 2007, p. 6)

Portanto, a gestão escolar deve exercer sua função educativa junto aos pais, discutindo, informando, orientando sobre as ações da escola e principalmente os orientando e os chamando para a participação da elaboração da proposta pedagógica, além de momentos de atendimento individualizado para casos específicos e avisos sobre o funcionamento escolar, para que em parceria, escola e família, proporcionem educação de qualidade, já que

[...] toda pessoa tem direito à educação, é evidente que os pais também possuem o direito de serem senão educados, ao menos, informados no tocante à melhor educação a ser proporcionada a seus filhos. (PIAGET, 2007, p. 50)

É importante que a família participe no processo de ensino-aprendizagem, antes de ir à escola em reuniões, assumir funções em comissões, o mais importante é deixar claro para os filhos que acreditam no trabalho da escola, que estudar não é opção, é obrigação e que os professores têm o apoio da família. Além disso, a supervisão às tarefas e a atenção que dão aos comunicados que a escola envia ajudam a construir o tipo de interação entre escola e a família.

A gestão escolar democrática precisa de liderança, de participação e de autonomia, a qual não ocorre, em muitos casos, por que a escola não quer, mas por

que as políticas não permitem, pois a escola tem uma liberdade vigiada, ainda reflexo do processo de implementação de uma gestão democrática, inserida num contexto social de democracia representativa (SANTOS; AVRITZER, 2003, p. 490).

Os incentivos políticos e institucionais à participação das comunidades escolar e local têm sido poucas e ineficientes na construção da autonomia escolar. A descentralização e a democratização da administração de escolas públicas são perseguidas teoricamente, mas com poucos resultados significativos e permanentes. Várias políticas e reformas legislativas, federal, estadual e até mesmo municipal têm observado e incorporado a crescente tendência, política e social, a democratização da gestão escolar. Contudo, a participação na tomada de decisões administrativas, financeiras e pedagógicas não alcançou a maior parte que vive e fazem a escola acontecer. (FREITAS, 2000, p. 50)

Democratizar a gestão da educação requer, fundamentalmente, que a sociedade possa participar no processo de formulação e avaliação da política de educação e na fiscalização de sua execução, através de mecanismos institucionais. Esta presença da sociedade materializa-se através da incorporação de categorias e grupos sociais envolvidos direta ou indiretamente no processo educativo, e que, normalmente, estão excluídos das decisões (pais, alunos, funcionários, professores). Ou seja, significa tirar dos governantes e dos técnicos na área, o monopólio de determinar os rumos da educação no Município, Estado.

Frente a esse fato a gestão escolar precisa repassar informações claras às famílias de que as decisões partem de debates e de votações na coletividade e que todos precisam ser ouvidos e para ter uma escola de qualidade é preciso a prática de uma gestão democrática, cuja base é a participação, pois as decisões colegiadas têm maiores probabilidades de obter sucesso e atender as necessidades e as expectativas da família, uma vez que

Quando pais e professores estão presentes nas discussões dos aspectos educacionais, estabelecem-se situações de aprendizagem de mão dupla: ora a escola estende sua função pedagógica para fora, ora a comunidade influencia os destinos da escola. As famílias começam a perceber melhor o que seria um bom atendimento escolar, a escola aprende a ouvir sugestões e aceitar influências. (MAIA; BOGONI, 2008, p. 23)

A participação de todos nas discussões, de forma igualitária e com liberdade de expressão é importante, pois assim a escola terá o apoio da família, na concretização da aprendizagem com qualidade, logo a forma que a escola recebe os

pais é importante para que a interatividade aconteça e as trocas ocorram em benefício da aprendizagem, sem acusações e, sim, em parceria buscar soluções para os problemas de aprendizagem.

Nesse contexto, o diretor de escola, além de ser o responsável pela gestão da escola, precisa ter conhecimento da função de gestão de pessoal, financeira, pedagógica, de matérias, precisa ter habilidade de mediar e interagir com a família para que as decisões tomadas coletivamente sejam respeitadas, e para tal

Cabe ao diretor envolver toda a equipe da Escola num processo contínuo de discussão [...] transformar sua Escola num verdadeiro centro de informações, debates, de avaliações a respeito das questões sócio-político-culturais que têm repercussão sobre a Escola, procurando firmar a posição da Escola ante esses contínuos desafios. (SEVERINO, 1992, p. 87)

O diretor é o responsável pelo estabelecimento de um ambiente de compreensão, confiança, respeito às opiniões, também é quem coordena e estimula as equipes de trabalho coletivo e a participação da família na escola, mas não deve impor sua vontade, mas buscar a colaboração nas tomadas de decisões.

Outra estrutura que integra a família à escola é a Associação de Pais, Mestres e Funcionários que tem por objetivo o apoio ao aprimoramento do ensino e entrosamento entre a comunidade escolar através de atividades educacionais, culturais, sociais e esportivas e nesse órgão colegiado que a escola pode interagir com todos os pais, desenvolvendo ações que oriente a família para o acompanhamento escolar dos filhos e a participação na escola, também é o espaço para a escola se integrar com a família em momentos festivos e oportunizando espaços escolares para ações comunitárias.

Como afirma Spósito (2005, p. 54), “a gestão democrática poderá construir a melhora do ensino se ela for concebida como mecanismo que altere as práticas pedagógicas”, logo, o conselho de classe é o espaço onde ocorre a integração entre professores, alunos e pais e a análise do currículo e das metodologias. Nesse momento, todos têm direito à palavra para que se diagnostiquem os problemas e suas causas e em conjunto busquem traçar metas para solucioná-los. Essas metas devem surgir como resultado de grupo para a intervenção no processo de ensino-aprendizagem.

Para a escola ter uma boa interatividade, a escola precisa de um bom

planejamento e nesse aspecto a gestão escolar deve construir um projeto político pedagógico (PPP) resultado da ação coletiva, pois

um processo de gestão que construa coletivamente um projeto pedagógico de trabalho tem já, na raiz, a potência da transformação. Por isso, é necessário atuar nas escolas com o máximo de competência, a fim de que o ensino realmente se faça, a aprendizagem se realize, as convicções se construam no diálogo e no respeito e as práticas se efetivem no companheirismo e na solidariedade. (FERREIRA, 1998, p.139)

Uma gestão escolar que quiser uma escola de qualidade precisa de um PPP que seja elaborado através de um processo participativo de trocas e que busque um trabalho pedagógico baseado na autonomia da escola e na solidariedade entre os atores, principalmente ouvindo a família. Também deve conter bem claro as metas a curto e longo prazo para a realidade específica e deve

a) nascer da própria realidade, tendo como suporte a explicitação das causas dos problemas e das situações nas quais tais problemas aparecem; b) ser exequível e prever as condições necessárias ao desenvolvimento e à avaliação; c) ser uma ação articulada de todos os envolvidos com a realidade da escola; d) ser construído continuamente, pois como produto, é também processo. (VEIGA, 2001, p. 11)

O PPP delinea as ações e necessidades que a escola precisa realizar em um determinado espaço de tempo e um bom projeto nasce da elaboração na interação, pois de nada adianta ter pessoas bem qualificada se o trabalho pedagógico não se voltar para a interatividade, pois é

a partir da convivência com pessoas que discutem, decidem, executam e controlam atividades propostas comunitariamente, a educação poderá efetivar, da melhor forma possível, seu objetivo de desenvolver integralmente a personalidade humana e sua participação na obra do bem comum pois, enquanto refletem, conscientizam-se, posicionam-se e decidem a respeito dos problemas de sua comunidade, os indivíduos se sentem integrados, agentes e responsáveis por esse mesmo bem comum que ajudam a construir. (VIANNA, 1986, p. 36)

Soma-se a isso o fato de que,

a Escola de Qualidade que se pretende construir tem na inovação sua mola propulsora. Inovação exige talento e talento se obtém na medida em que se

apóiem a criatividade, a inteligência e a visão empreendedora dos seres humanos envolvidos no processo educativo. (RAMOS, 1992, p. 36)

A escola na qual os alunos apresentam bom desempenho perpassa pela interação com a família, pois para obter êxito precisa se embasar na gestão democrática participativa, na qual as responsabilidades são divididas e de todos ao mesmo tempo, uma vez que o trabalho em equipe resulta na qualidade da educação, pois

o trabalho em grupo por sua dinâmica gera uma maior gama de possibilidades, o que facilita a busca da qualidade.[...]. É a força das ideias capaz de revigorar as pessoas, no cotidiano, para uma produtividade em que elas acreditam. O mundo das idéias, dos valores, dos princípios tem mais força para modificar o ambiente com o qual se trabalha, do que propriamente uma soma, uma verba, um prédio imponente. (MARQUES, 1994, p. 66-67)

Logo, a estrutura física e o material para o desenvolvimento dos atos pedagógicos é importante, no entanto mais importante é a forma como são geridos os processos escolares, uma vez que a comunidade escolar poderá ou não se sentir parte do processo educativo, para isso precisa a liderança e a coordenação voltada para a gestão democrática participativa.

Paro (1997) diz que o processo educativo não pode estar desvinculado de tudo o que ocorre fora da escola, em especial no ambiente familiar e para que o aluno aprenda, a escola precisa considerar a continuidade entre a educação familiar e a escolar, buscando formas para conseguir a adesão da família para sua tarefa de levar os educandos a desenvolverem atitudes positivas e duradouras com relação ao aprender e ao estudar.

Com a participação ativa da família é possível desenvolver uma educação escolar eficaz para o aprendizado, que atenda às expectativas da família e às necessidades dos alunos. Segundo Piletti (1987, p.188),

o fato de as atividades de ensino e aprendizagem, nas diversas matérias, constituírem as funções específicas da escola, não implica que a comunidade deva estar ausente delas. Pelo contrário: quanto maior a presença da comunidade, tanto maior tenderá a ser a eficácia dessas atividades.

Frente a está colocação o trabalho do professor é facilitado, pois o estudante

já vem para a escola predisposto para o estudo, uma vez que a família participando o estimula, essa interação será favorecida à medida que a escola ofereça ocasiões de diálogo, de participação da família na vida da escola. E para levar o aluno a querer aprender implica em fazer dos membros sujeitos, trazendo-os para o convívio da escola, mostrando-lhes a importância da sua participação, desse modo, a escola pública vai ao encontro dos interesses do educando e de sua família.

CAPÍTULO 2

2 AS INTERAÇÕES ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA

Este capítulo apresenta a análise dos dados coletados, os quais se apresentam em dois subtítulos: A expectativa dos professores e diretora em relação à participação da família no contexto escolar e a expectativa da família em relação à participação no contexto escolar.

No primeiro subtítulo estão as análises dos dados obtidos junto aos professores e diretora que foram analisados em sete categorias centrais: 1- Funções da escola; 2- Papel da família; 3- Concepções e expectativas em relação à escola; 4- Concepções e expectativas em relação à escola 5- Responsabilidade da família; 6- A participação da família no processo ensino e aprendizagem discente; 6- As responsabilidades da família na visão dos professores; 7- O diálogo entre escola e família no aspecto pedagógico.

No segundo subtítulo estão as análises dos dados do grupo de pais e alunos que foram analisados em seis categorias: 1- Acompanhamento, incentivo e ajuda; 2- A responsabilidade da família; 3- Concepções e expectativas em relação à família; 4- Concepções e expectativas em relação à escola; 5- Aspectos interativos; 6 - Aproximação família e escola.

2.1 A expectativa dos professores e diretora em relação à participação da família no contexto escolar

Ao serem questionados sobre **as funções da escola**, os professores e diretora apresentaram as seguintes concepções e expectativas: “A escola tem a função de lapidar a educação que vem de casa” (DIRETORA JONES), “A função da escola é contribuir na formação de cidadãos e transmitir o conhecimento”. (PROFESSORA JOANA)

Nesse contexto, Sacristián e Gómez (2000) destacam que a escola tem a função reprodutora através da qual reproduz a sociedade e a cultura garantindo a sobrevivência da sociedade; a função educativa que utiliza o conhecimento para compreender as origens das influências, seus mecanismos, intenções e consequências à sociedade e ao indivíduo desse processo de reprodução; a função

compensatória para atenuar os efeitos da desigualdade e preparar o indivíduo para buscar melhores condições no cenário social; e a função educativa 2 que provoca e facilita a reconstrução do conhecimento, das atitudes e formas de conduta que os alunos assimilam nas condutas sociais de sua vida anterior e paralela à escola.

Essa última concepção vai ao encontro a da diretora, pois a escola dá continuidade aos conhecimentos que o aluno já adquiriu e transforma condutas anteriores. Essas condutas adquiridas anteriormente são causas de queixas dos professores, conforme afirma a professora Clio: “percebe-se um desleixo no material, na apresentação física de alguns alunos (higiene)”. Nesse sentido, Libâneo; Oliveira; Toschi (2005) destacam que a escola tem a finalidade de promover para todos o domínio dos conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas indispensáveis ao atendimento das necessidades individuais e sociais. Logo, se a escola tem essa finalidade, cabe-lhe através de sua ação mudar essas atitudes conforme colocam Sacristián e Gómez (2000). Também Vasconcelos (2001) coloca que a escola deve estar ligada a vida e sua tarefa é contribuir para a humanização. Além disso, a escola tem a função de

Oferecer um ensino popular de qualidade, pois este ajudaria as pessoas a compreenderem melhor a realidade em que vivem, a desvendar as relações, a se valorizarem, a exigirem seus direitos, etc. (VASCONCELOS, 2001, p. 33)

Percebe-se que há contradição nas falas, pois a escola é o local que vai “lapidar a educação do aluno” (DIRETORA JONES) e ao mesmo tempo há queixa quando ele se apresenta fora dos padrões esperados, conforme colocação da professora Clio. Diante desse fato Vasconcellos (2001) diz que se a escola oferecer um ensino para todos e de qualidade, possibilita a mudança da realidade, portanto cabe a escola levar o aluno a compreender sua realidade e querer mudá-la, logo, é a ação da escola que vai provocar a reação para o indivíduo buscar melhor colocação no cenário social, concretizando-se a função compensatória.

Através da convivência com outros alunos e com os professores, estimula a criança a desenvolver um senso de comunidade e através dos conteúdos moldar o intelecto das crianças, além de transmitir conhecimento que lhes possibilitarão tornarem-se cidadão conscientes de seus direitos e deveres para com a sociedade. (PROFESSOR PERSEU)

A professora Carol complementou que a função da escola “além de transmitir

conhecimentos, educação, valores e cidadania, é propor caminhos que possam solucionar dificuldades no aprendizado do aluno”. E a professora Clio reforçou essa consideração, quando mencionou que a escola tem a função de “passar o conhecimento, mas criando um cidadão que saiba seus direitos e seus deveres, com senso de apresentar uma opinião própria sobre as coisas que o cercam”.

De acordo com o que colocam os professores, a escola é um espaço formal de aprendizagem e local privilegiado para o exercício da cidadania e prática cultural, sendo centro cultural da comunidade, na qual o aluno constrói seu conhecimento a partir de vivências sociais e educativas. Portanto, para exercer sua função como local de crescimento intelectual, pessoal e social, a escola precisa destinar espaços para a interação e encontro com o outro e o saber através da organização de espaços e momentos de interação e reflexão.

Uma escola voltada para o pleno desenvolvimento do educando valoriza a transmissão de conhecimento, mas também enfatiza outros aspectos: as formas de convivência entre pessoas, o respeito às diferenças, a cultura escolar. (PENIN; VIEIRA; MACHADO, 2001, p. 41)

Assim, a escola tem finalidades, metas e objetivos a serem atingidos, conforme colocam os professores, que devem acontecer via interação entre os elementos participantes. Segundo Pinto (1997), aprendizagem não é mais individual, espontânea, por ensaios e erros, sem acumulação e transmissão social, conforme fora em períodos anteriores, se faz organizadamente, com poupança de esforços pessoais, em virtude da descoberta e difusão de técnicas de transmissão direta oral ou escrita entre os indivíduos ou entre gerações, o que supõe o caráter coletivo e social do conhecimento.

Os resultados da pesquisa demonstraram que os professores e diretora consideram que **o papel da família** é ser a base primordial na educação dos filhos, cabendo-lhe acompanhar o desenvolvimento deles, participar das atividades da escola, auxiliar na tarefa escolar (tema), incentivar, orientar, cobrar a realização das atividades escolares, além de estabelecer limites e acompanhar a vida social dos filhos. Essa consideração pode ser observada nas seguintes falas:

A família é a base primordial na educação dos filhos. A ela cabe auxiliar nas tarefas escolares, fazer o intercâmbio entre aluno e escola e /ou professores. (PROFESSORA CAROL)

A família é base principal responsável pela educação de seus filhos, mesmo

freqüentando a escola cada vez mais cedo, a família é a maior referência para os filhos. (PROFESSORA JOANA)

Acredito que a família é a base da educação dos filhos. É na família que a criança adquire as primeiras noções. (DIRETORA JONES)

Primordial, sempre incentivando, mostrando interesse em saber o que o filho(a) está aprendendo, cobrando o feitiço da lição e incentivando a leitura. (PROFESSOR PERSEU)

Acompanhar o desenvolvimento dos estudos, participarem das atividades da escola, observar e conversar sobre suas amizades, ou sites de relacionamento, impondo respeito. (PROFESSORA CLIO)

Para os professores a família é o primeiro ambiente educativo em que a criança se insere, mesmo essa instituição tendo nos últimos anos sofrido muitas transformações, ainda continua a ser a base da formação do indivíduo. Gokhale (1980) complementa que a família além de ser a base da cultura e a base da sociedade, é também o local de convivência social.

Entre todos os grupos humanos, a família desempenha um papel primordial na transmissão da cultura [...], a família prevalece na primeira educação, na repressão dos instintos, na aquisição da linguagem, acertadamente chamada de materna. Com isso ela preside os processos fundamentais do desenvolvimento. (LACAM, 1987, p.13)

A família tem como função a responsabilidade pela educação e desenvolvimento dos filhos, é o lugar fundamental para a garantia da vida e proteção integral dos direitos dos filhos e demais membros, independente da formatação que se constituir. É a família a organização social que tem a função de proteção, de afetividade e educação, pois segundo Gokhale (1980), a educação bem sucedida da criança na família servirá de base à aprendizagem escolar e sua atuação como cidadão.

A escola e a família como atores externos podem ser considerados fontes de recursos ou de limites para a criança no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. (MATURANA, 1998, p. 4)

A família, segundo os professores questionados, cabe-lhe estabelecer condições propiciadoras de desenvolvimento da educação, no entanto hoje em dia, como as crianças ingressam cada vez mais cedo na escola, a qual, “por sua vez, tem tido como função responsabilizar-se pelo percurso escolar dos indivíduos” (TRANCREDI, 1999, p. 1).

Ao dizerem que a função da família é orientar, acompanhar os estudos,

participar da escola, auxiliar na tarefa escolar, “os professores tem a concepção de um modelo de família de classe média, no qual as mães e pais têm tempo para monitorar o dever de casa diariamente e atender algumas demandas escolares eventualmente” (CARVALHO, 2004a, p. 47). A autora ainda coloca que essas condições favoráveis à participação dos pais na educação escolar que conta com uma pessoa, geralmente a mãe, exige um modelo de família tradicional de classe média, que não corresponde às condições de vida das famílias pobres, trabalhadoras. No entanto, a autora concorda que a educação começa na família e acrescenta que a aquisição do conhecimento, habilidade e valores ocorre através do trabalho de várias instituições.

Outra função destacada é a de impor limites. Nesse aspecto Aquino (1996) apud Ribeiro (2006) questiona a laicidade do ensino, apontando que a educação atitudinal ocupa grande espaço na escola e isso é característica herdada da função moralizadora que a escola exercia na idade média. “As regras disciplinares que se encontram na escola foram construídas historicamente, não sendo indispensável à aprendizagem” (RIBEIRO, 2006, p. 391).

Se as regras são necessárias e anteriormente foi colocado que a função da escola é permitir que o aluno seja um cidadão detentor do conhecimento de seus direitos e deveres, não condiz querer que a família imponha limites, pois se ocorrer na família a imposição, isso vai refletir na escola, a qual terá dificuldade de construir suas regras de forma participativa, logo então os limites têm de serem estabelecidos através do diálogo, na família também.

Ao serem questionados sobre **a expectativa em relação à escola**, ou seja, o que a família e aluno podem esperar da escola, os professores responderam que:

Aprenderem a ter alguns valores como responsabilidade, justiça, respeito, etc; ensinamentos sobre algum conteúdo. (PROFESSORA CLIO)

Uma grande parceria para assim desenvolver o sujeito que mais tarde vai atuar na sociedade. (PROFESSOR PERSEU)

Contribuição na formação de uma sociedade melhor. (PROFESSORA JOANA)

Do professor, dentro de sua área que ele tenha condições de desenvolver um trabalho pedagógico competente auxiliando nas dificuldades do aluno. Da escola, suporte para que o aluno seja uma pessoa onde possa exercer sua cidadania. (PROFESSORA CAROL)

Os professores colocaram que aluno e família têm na escola a contribuição na formação de uma sociedade melhor, dando suporte para que o aluno seja um

cidadão melhor. Também tem trabalho pedagógico competente, auxílio nas dificuldades do aluno, ensinamento de conteúdos, transmissão de valores, parceria na formação do sujeito. A diretora, no entanto, disse “acredito que o aluno e a família não devem esperar da escola, eles são a escola” (JONES).

As concepções dos professores a respeito do que pode se esperar da escola se assemelham, ambos a têm como transmissora do conhecimento que prepara o aluno para se inserir na sociedade como cidadão atuante. Porém, nas respostas dos professores há uma contradição, pois disseram que o professor auxilia nas dificuldades dos alunos e transmite valores, embora colocaram que isso é função da família, “espero que a família transmita a eles valores como: responsabilidade, honestidade, amizade, objetivos e cooperação” (DIRETORA JONES).

O que ocorre é que é difícil caracterizar os papéis dessas instituições. As funções da família e da escola, sendo que tanto os pais, quanto os professores sentem dificuldades em definir suas funções. (VALADÃO; SANTOS, 1997 apud SOUSA; FILHO, 2006, p. 119)

A colocação da diretora demonstra uma concepção de que a escola é a coletividade, reforçando que as ações devem ser tomadas pelo grupo. Nesse ponto concordo com a gestora, pois se houver interatividade e cada um desempenhar sua função quem sai ganhando é o processo de ensino e aprendizagem.

Quanto à **expectativa em relação à família** esperam que a família participe ativamente do processo de ensino e aprendizagem dos alunos, observando e acompanhando as atividades propostas em aula e continuada em casa, conforme disse uma das questionadas “espero que os pais participem ativamente do processo de ensino e aprendizagem de seus filhos” (PROFESSORA CAROL). Além disso, têm a expectativa que os pais estabeleçam “algum tempo para o aluno dedicar em casa para estudo como leitura ou temas” (PROFESSORA CLIO), esperam mais comprometimento na educação dos filhos e que quando solicitada a família compareça à escola.

Que quando solicitada a família, no papel de responsável pelo aluno, compareça até a escola, seja em casos positivos ou casos negativos, para que a família entenda o que está acontecendo e se há algum problema com seu filho. (PROFESSOR PERSEU)

A expectativa da escola de que a família cumpra com várias funções como

encaminhar o aluno à escola já com uma base, ou seja, é na vida em família “que a criança constrói o seu modelo de aprendiz e se relaciona com todo o conhecimento adquirido durante sua experiência de vida primária e que vai se refletir na sua vida escolar” (SOUSA, 2008, p.3), reforça a necessidade da participação familiar, para que na convivência o filho adquira valores como pode se perceber no que disse a diretora: “espero que a família transmita a eles valores como responsabilidade, honestidade, amizade, objetivos, cooperação” (DIRETORA JONES), os quais ajudarão na construção de uma escola com ambiente propício a aprendizagem e a cidadania e cooperação.

Quanto à **responsabilidade da família**, os professores destacaram que a família deve se responsabilizar pela educação de valores, ensinando valores básicos como educação e respeito, sendo responsável pelo acompanhamento do educando.

Todas as que dizem respeito a atitudes e valores, porque filhos são para sempre, aluno são por tempo determinado. (PROFESSORA JOANA)
Atenção na aprendizagem de seus filhos, questionamento aos professores sobre algumas dificuldades, acompanhamento. (PROFESSORA CLIO)

Os professores ao colocarem que a família tem a responsabilidade pela educação de valores, segundo Gomes (1994), indica que a escola tende a responsabilizar as famílias pelos problemas de indisciplina. Embora a educação de valores reflita na vida escolar do aluno, como já foi afirmado anteriormente.

Especificamente no que se refere à **participação da família no processo ensino e aprendizagem discente**, na ótica dos professores, a maioria das famílias não tem acompanhado os estudos de seus filhos, pois o número de pais que participam, querendo saber as atividades realizadas na escola e as tarefas de casa, é reduzido. “Algumas famílias acompanham o estudo dos filhos, querendo saber as atividades realizadas na escola e as tarefas de casa, mas o número de pais participativos é muito baixo” (PROFESSORA JOANA).

A professora Clio na sua resposta, citada anteriormente, disse que há falta de acompanhamento, conclusão devido à falta de interesse e pelo desleixo no material e na apresentação física e atitudes comportamentais dos alunos. A professora Carol e o professor Perseu concluíram que a falta de acompanhamento faz com que a escola não consiga cumprir com seu papel como deveria, pois muitos pais se isentam de suas responsabilidades, delegando-as somente à escola.

Na minha opinião poucas são as famílias que acompanham e se preocupam com o estudo dos seus filhos, sobrecarregando exclusivamente a escola. (PROFESSORA CAROL).

Nem sempre a família atende quando solicitada, além do mais muitos pais se isentam de algumas responsabilidades e acabam delegando muitas de suas funções a escola que acaba não cumprindo o seu papel como deveria, pois fica sobrecarregada. (PROFESSOR PERSEU)

Na fala do professor Perseu não ficou esclarecido que papel a escola deixa de cumprir em função do cumprimento dos que seriam da família. No entanto, a participação dos pais no processo de formação dos filhos ocorre tanto na educação informal como na formal, uma vez que faz parte da tarefa educativa contextos diversificados e um desses contextos é a escola que tem a caracterização da educação formal e o informal que é o ambiente familiar e o espaço social em que interage. A participação na educação formal, segundo Shaffer (1994), inicia com a participação na consulta para a tomada de decisões, num segundo estágio decidem sobre as ações decididas por eles mesmos e quando a participação ocorre em um estágio pleno, assumem as responsabilidades, juntamente com professores e gestores nos programas educacionais e na elaboração da proposta pedagógica. No entanto, isso em um estágio superior, pois como os professores já colocaram é necessário que a família participe da educação construindo uma base e desempenhando suas funções.

No que se refere à participação em reuniões, 50% dos professores colocaram que a família não participa das reuniões e os outros 50% que sim. A diretora colocou que “em nossa escola, geralmente acontece reuniões de mães” (DIRETORA JONES). Também colocaram que normalmente quem participa são os pais ligados ao Círculo de Pais e Mestras (CPM) e os pais dos alunos que apresentam bom rendimento, boa disciplina, pois alguns pais só vêm buscar o boletim.

Há muitos pais que só aparecem na escola para pegar o boletim, normalmente as mães participam mais. (PROFESSOR PERSEU)

Não, normalmente são os pais ligados com o CPM e dos alunos estudiosos e apresentam um bom comportamento. (PROFESSORA CLIO)

Carvalho (2004b, p. 53) diz que os professores necessitam de ajuda das famílias quando não têm condições satisfatória de trabalho, recorrendo aos pais quando se sentem “frustrados e impotentes” e isso ocorre normalmente “quando os/as estudantes apresentam dificuldades de aprendizagem e ou de comportamento, com os quais eles não conseguem lidar”, acabando por culpar a

família (ausência dos pais) pelas dificuldades que o aluno enfrenta.

Espera-se da família o acompanhamento no aprendizado de seus filhos, estabelecendo uma parceria com a escola através da qual participam das reuniões, atendem os chamados da escola, opinem e decidam em conjunto, participando em órgãos colegiados, o qual só foi citado uma vez e referindo-se à associação de pais e mestres. Paralelamente espera-se que regrem as atividades extraclasses do aluno, além de estimulá-lo em busca do conhecimento.

No entanto, 75% dos professores disseram que os pais não participam, alegando dificuldade de deslocamento, falta de tempo, por causa do trabalho e 25% disseram que os pais não participam por que não são chamados. As reuniões ocorrem em média de uma por ano e 75% dos professores participam, sendo que os que não participam, trabalham em mais de uma escola. Nas reuniões são tratados assuntos relacionados ao ano letivo, aluno e rotina da escola, conforme exposto a seguir:

Atualmente não houve reunião com os pais. Sempre participei e nas reuniões que participei foram discutidos assuntos de rotina da escola. (PROFESSORA JOANA)

Normalmente uma por ano. Assuntos relacionados ao ano letivo, ao aluno. (PROFESSORA CAROL)

Não, porque geralmente ouço que não acham tempo disponível em participar em função do trabalho, utilizam esta desculpa até por não ver o caderno de seu filho em casa. (PROFESSORA CLIO)

Em nossa escola não temos feito muitas reuniões, a cada bimestre é dado uma semana para os pais virem a escola pegar o boletim e falar ou ouvirem sobre seus filhos. (DIRETORA JONES)

Percebe-se que a escola tem poucos momentos de interação com a família e quando os têm é em função da aprendizagem, disciplina e verificação do desempenho. Segundo Sá (2001), isso ocorre porque os professores ficam temerosos com a ampliação de poder dos pais frente a gestão escolar e estes acabem por invadir espaços que julgam seus, assim acabam oferecendo uma possibilidade de participação restritiva, ou exigem que a família dê continuidade à educação oferecida na escola, exigindo um conhecimento que os pais não possuem, afasta-os da escola, pois como não conseguem responder as expectativas da escola, os professores consideram-nos incapazes. Assim, os pais introjetam o que lá ouvem a seu respeito e com isso acabam se afastando e se culpabilizando pelas dificuldades dos filhos.

Ficou evidenciado que a representação dos professores sobre a interação dos pais na escola privilegiou o acompanhamento do desenvolvimento escolar e a participação em reuniões, sendo que na primeira a família pode exercer em casa e para a segunda a forma como é colocada nas respostas é uma obrigação. No entanto, de acordo com Ribeiro (2006), as reuniões são destinadas a entrega de boletins e os assuntos tratados versam sobre o comportamento e baixo rendimento escolar e da forma como acontecem, as pessoas envolvidas legitimam relações sociais existentes, a cobrança dos professores e o afastamento dos familiares. Esse fato transparece na fala da professora Clio, a qual disse que somente participam das reuniões os pais dos alunos com bom desempenho e que não apresentam problemas de indisciplina e os pais ligados ao círculo de pais e mestres.

Ribeiro (2006), ao observar os estudos de Perez (2000), destacou que os encontros entre pais e professores ocorrem primordialmente em função de problemas comportamentais. Essa constatação também pode ser observada nas respostas dos questionados. Em suas respostas os professores disseram que os pais pouco participam, no entanto

é importante repensar as prescrições quanto ao trabalho dos pais, pois parece ser a partir do contraponto entre expectativa da escola, que muitas vezes já está internalizado por eles, e aquilo que efetivamente conseguem executar, que surgem algumas atitudes de desistência; e estas tendem a ser vistas como desleixo e irresponsabilidade. (RIBEIRO, 2006, p. 391)

Ao serem perguntados se a participação da família pode melhorar o desempenho e a aprendizagem e quando se deve chamar família, os professores responderam que:

Acredito que sim, não só, junto a escola, mas junto aos próprios filhos. Acredito que a família deve estar sempre presente na escola. A escola só deveria chamar numa situação de emergência. (DIRETORA JONES)

Sim, porque a criança percebe que ela faz parte de uma família e está preocupada com o seu futuro. No início pra apresentar os objetivos e discutir as regras e metas do ano letivo, para as atividades da escola, pelo desempenho de seu filho na escola, na ajuda e manutenção da escola. (PROFESSORA CLIO)

Sim, quando a escola e a família trabalham em parceria o aluno só tem a ganhar. A família deveria estar sempre em contato com a escola para verificar a vida escolar do seu filho. Mas normalmente a família é chamada por motivos de indisciplina e quando não houver aprendizagem. (PROFESSORA CAROL)

De acordo com as respostas, a participação da família na escola é

considerada fundamental para a melhoria do desempenho e aprendizagem, mas os professores colocaram somente em termos de acompanhamento e ajuda dos pais à escola. Outro aspecto é que a figura paterna está ausente da escola, uma vez que a participação em eventos escolares, como reuniões, são as mães que participam na maioria dos casos, além de serem as responsáveis pela ajuda e acompanhamento. Nesse sentido, Carvalho (2004b, p. 45) diz que:

A relação família escola é afetada pelo fato de que a família e pais não são categorias homogêneas e as relações entre família e escola, pais/mães (e outros responsáveis) e professoras/professores também comportam tensões e conflitos. Algumas famílias e pais/mães participam mais do que outras; e se as professoras, por um lado, desejam a ajuda dos pais, por outro lado, se ressentem quando este envolvimento interfere no seu trabalho pedagógico e sua autoridade profissional.

Esse fato é percebido no relato de um professor questionado a respeito de como se sente ao interagir com a família, o qual disse que se sente “sufocada, porque os filhos cometem faltas graves e os pais chegam a defendê-los” (PROFESSORA CLIO).

O diálogo entre escola e família, para 40% dos professores é bom, 20% avaliaram como distante, 20% disseram que é importante e 20% consideraram o melhor caminho, mas que nem sempre é a solução, segundo a professora Joana, “o comprometimento é que faz a diferença”. No aspecto de relacionamento com os pais, 80% dos professores se sentem a vontade e 20% colocaram que não.

O diálogo entre escola e família no aspecto pedagógico, embora todos os professores tenham conhecimento do PPP da escola e 60% afirmaram ter participado de sua elaboração, praticamente inexistente, e muito pouco em outros aspectos, pois segundo os questionados ocorre em média uma reunião por ano, os professores têm a concepção de que a participação pode ser mais efetiva, inclusive sugeriram mais reuniões e ações que envolvam os pais em projetos, “convidar a família para eventos festivos e esportivos e em atividades desenvolvidas em projetos” (PROFESSORA JOANA). Dos professores e diretora entrevistados, 60%, sugeriram que para aproximar escola e família poderia ser através de projetos como “amigos da escola” (PROFESSOR PERSEU), nos quais os pais seriam voluntários para desenvolverem trabalhos em turno inverso, “oficinas” (DIRETORA JONES). Também colocaram as festividades e eventos e 20% sugeriram cursos, reuniões e

oficinas, cabendo então a escola “planejar e estabelecer compromissos e acordos mínimos, que levem ao fim do bloqueio criado nessa situação” (BASSEDES, 1996, p. 35).

Como os próprios professores sugerem a aproximação, cabe a escola propor a parceria com a família em prol do educando, pois segundo Paro (2001), a participação não se dá espontaneamente, há necessidade de políticas e mecanismos institucionais que viabilizem e incentivem as práticas participativas na escola, cabendo a escola estabelecer esses canais e ações, a aproximação tem de partir da escola que é responsável pela gestão e pela construção da gestão democrática.

2.2 A expectativa da família em relação à participação no contexto escolar

A participação da família no contexto escolar sob a ótica dos pais, no que se refere ao **acompanhamento, incentivo e ajuda**, 75% dos pais disseram que acompanham as tarefas de casa dos filhos e 25% que às vezes. O acompanhamento ocorre conforme relatam as mães:

Tenho olhados os temas e também para não faltar as aulas. (MÃE ROSE)
 Olhando seu caderno e quando tenho oportunidade, perguntando como ela está na escola. (MÃE MARI)
 Sempre estou atenta e falando com os professores. (MÃE ROSELI)
 Estar sempre presente no dia a dia do filho e explicando o certo e errado. (MÃE EDUARDA)

Para o momento de ajuda, 75% disseram que ajudam quando solicitadas e 25% no dia a dia, sendo que 75% afirmaram que ajudam pouco e 25% muito. Os alunos, ao serem questionados sobre o acompanhamento, incentivo e ajuda por parte da família, 50% disseram que os pais acompanham as tarefas escolares e 50% que às vezes. Também colocaram que os pais acompanham “olhando os boletins, cadernos e perguntando se eu me comporto bem” (ALUNA BIANCA), “pelas notas e provas do bimestre” (ALUNO ALEMÃO).

Ao questionamento “quem lhe ajuda em casa nos deveres escolares e quanto lhe ajuda?” os alunos responderam que:

Minha mãe, quando eu sinto dificuldade. (ALUNA EMANUELY)
 Minha mãe, e algumas vezes meu pais, me ajudam quando eu não sei e

peço ajuda a eles. (ALUNA ROSA)
 Minha mãe quando solicitada. (ALUNO ALEMÃO)
 Minha mãe, mas só quando eu peço. (ALUNA BIANCA)

Para 75% a ajuda ocorre quando solicitada e para 25% no dia a dia. Quem acompanha são as mães, embora que para 25% algumas vezes o pai. Sendo que para 50% a ajuda acontece quando solicitada e para os outros 50% quando sente dificuldade.

Das mães questionadas participantes da pesquisa, 50% colocaram que tem dificuldade de ajudar por falta de escolaridade, 25% por falta de entendimento e 25% por falta de tempo. No entanto, todas afirmam que incentivam o aluno a buscar novos conhecimentos.

Segundo 50% dos alunos, os pais têm dificuldade em lhes ajudar, 25% às vezes e 25% que não têm dificuldades. Dos que sentem dificuldade, 50% porque os pais não estudaram o que se estuda agora, e outros 50% só tem dificuldades em algumas matérias, conforme colocam:

Depende do que só em algumas matérias. (ALUNA BIANCA)
 Às vezes, mas até hoje quase todas as atividades foram exercidas. (ALUNO ALEMÃO)
 Sim, porque eles não estudaram o que hoje a gente estuda. (ALUNA EMANUELY)

Quando o filho apresenta dificuldades na escola e a família não consegue resolver essa questão, 25%, disseram que sua filho(a) não tem dificuldades, 25% procuram a escola para pedir ajuda aos professores, 25% busca informação sobre o conteúdo e estudam junto com o filho e 25% buscam ajuda com pessoas mais experientes. Nas respostas dos alunos, constatou-se que:

Às vezes eu deixo para o outro dia perguntar para a professora ou às vezes para minha prima que também é professora. (ALUNA EMANUELY)
 Peço ajuda a outra pessoa, que possa me ajudar e minha mãe se informa no conteúdo e me ajuda. (ALUNA ROSA)
 Eu procuro ajuda com minha prima que está completando o ensino médio (ALUNO ALEMÃO)

Constatou-se que para 75% a ajuda ocorre quando solicitada e para 25% no dia a dia. Quem acompanha são as mães, embora para 25% algumas vezes o pai. Sendo que para 50% a ajuda acontece quando solicitada e para os outros 50% quando sente dificuldade.

O aluno não precisa ter ninguém para ajudá-lo a fazer o dever de casa. Ele precisa apenas ter espaço e tempo para isso, logo a família tem a função de monitorar.

O envolvimento dos pais na educação escolar é necessário somente se concebermos a escola (e o trabalho docente) como dependente da contribuição da família e do trabalho extra-escolar de outros adultos em prol da aprendizagem do currículo escolar. Mas podemos conceber a escola efetivamente ensinando o currículo em seu tempo-espaço e com seus próprios recursos? Se faltam condições para isso, tratemos de criá-las. (CARVALHO, 2004, p. 55)

A mesma autora ainda questiona a dependência que a escola tem de agentes externos para efetivar a aprendizagem.

Os pais/mães que podem pagar professoras/es particulares de reforço escolar terceirizam o acompanhamento familiar, uma prática comum entre famílias usuárias de escolas privadas, mas também de escolas públicas. (CARVALHO, 2006, p. 12)

Segundo Carvalho (2006, p.12) as “práticas de dever de casa podem ser exploradas a partir das visões de professoras, mães e estudantes”, uma vez que há que se levar em conta, ainda, a perspectiva da família, segundo a qual “o dever de casa pode ser visto como uma necessidade e prática desejável, ou como uma imposição, dependendo de condições culturais e de conhecimento”.

O acompanhamento das atividades e da vida escolar, tanto na concepção de pais e alunos há concordância que é importante para o sucesso escolar, embora alguns alunos justifiquem o fato de os pais não podem cumprir essa tarefa, ao mesmo tempo 50% dos pais disseram que buscam informar-se para estudar com seus filhos como afirma a mãe Mari: “Quando não consigo, busco me informar sobre o conteúdo para estudar com ele”.

Isso, segundo Carvalho (2004), exige tempo após a jornada de diária de trabalho e disposição dos pais para se atualizar em relação ao currículo escolar, a fim de participar do projeto educativo e do desenvolvimento de seu filho, mas nem sempre é possível, pois como pais afirmam que não tem tempo em função do trabalho, ou por falta de escolaridade e entendimento. Esse problema exige a participação externa, no caso, a ajuda de parentes e pessoas com maior grau de instrução, logo a escola vai além dos limites da família.

Ao serem questionadas sobre **a responsabilidade da família**, 25% das mães destacaram que a família tem a responsabilidade de “lembrar sempre nas atividades escolares” (MÃE ROSELI), 25% disseram que é de incentivar a estudar e saber respeitar “o incentivo a criança estudar e saber respeitar”, 50% colocaram que é ser a base da educação, tendo compromisso com os filhos e escola, conforme relato da mãe Mari “acredito que a família deveria ser a base da educação, tendo compromisso com os filhos e a escola”.

Especificamente no que tange às **concepções e expectativas em relação à família**, para 25% dos alunos a função da família é de acompanhamento, “ter acompanhamento nos estudos e na escola quando solicitado” (ALUNA BIANCA). Para 25% é de auxiliar, ir às reuniões, opinar e incentivar, conforme exposto a seguir: “Eu acho que é auxiliar quando o aluno não sabe fazer o que foi pedido na escola, ir nas reuniões e dar opiniões, incentivar o aluno” (ALUNA ROSA). Para 25% é de controlar os filhos, pois “As responsabilidades são de não soltar seus filhos com pessoas desobedientes e com pessoas que não conhecem”(Aluno ALEMÃO). Para os demais 25% é de educar os filhos, “educar os filhos para mais tarde não sofrerem com o futuro” (ALUNA EMANUELY).

O sucesso da educação da criança acontecerá de acordo com o suporte para o desenvolvimento de seu potencial. Gokhale (1980) acrescenta que a família é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros. Portanto, tem o papel decisivo na educação dos filhos e é a responsável em transmitir valores humanitários, culturais, morais, sentimento de solidariedade, entre outros. Para Freire (1996) a ação da família interfere na formação de um sujeito de valor, portanto o papel da família é importante na educação do ser humano.

As concepções dos pais e alunos a respeito da responsabilidade da família vão ao encontro das concepções dos professores e dos pensamentos de Gokhale (1980) e Freire (1996), portanto cabe a família exercer sua função de educadora e de base para a educação escolar, para que o processo de ensino e aprendizagem seja beneficiado, pois a educação escolar não os afasta dessa responsabilidade, uma vez que a participação dos pais é importante para que continuem a exercer seu papel de principais educadores dos filhos, conforme defendem os professores e os próprios pais e alunos também a reconhecem.

No aspecto incentivo, a família está realizando sua tarefa, uma vez que 100%

dos alunos disseram que os pais os incentivam a estudar e acrescentaram que “sem estudo hoje a pessoa não é ninguém na sociedade” (ALUNO ALEMÃO) e “não tem futuro” (ALUNA EMANUELY). Isso demonstra que há valorização da escolarização.

Das pessoas questionadas, 50% pontuaram que **a função da escola** é “alfabetizar para ter um futuro melhor” (MÃE ROSE) e “dar mais aprendizado e conhecimento” (MÃE EDUARDA), enquanto que para 25% a função é de “educar e incentivar nos estudos” (MÃE ROSELI) e para 25% é de orientar o aluno para se tornar uma pessoa crítica e preparada e com boa qualificação profissional, além de ser um ser humano melhor, conforme colocou a mãe Mari:

Acho que a escola desempenha um papel de grande importância, orientando o aluno a se tornar uma pessoa crítica e preparada com boa qualificação, além de ajudá-lo a ser um ser humano melhor.

Quanto à **expectativa em relação à escola**, 50% colocaram que esperam que a escola “dê um bom exemplo de vida” (MÃE ROSELI) e a mãe Rose complementou, “para a criança ter uma vida digna, longe das drogas”, 25% esperam “que possa dar atenção e limite para que o filho seja mais estudado que os pais” (MÃE EDUARDA) e 25% não responderam.

A função da escola, segundo 75% dos alunos, “é ensinar o que é melhor para nós na vida” (ALUNA EMANUELY), sendo que a aluna Bianca complementou dizendo que “é como se fosse a segunda casa”. E 25% disseram que a função da escola é preparar para atuar na sociedade e para ingressar no mercado de trabalho, conforme respondeu o aluno Alemão: “A função da escola é deixar nós prontos para entrar na sociedade, deixar nós prontos para entrar no emprego com sucesso”. Quanto à expectativa, 75% dos alunos esperam aprendizagem da escola e 25% que a escola prepara para a vida, dizendo “espero que a escola, sim, os professores ensinem nós para irmos bem na vida” (ALUNO ALEMÃO).

Os pais esperam que os filhos aprendam o conteúdo na escola para que possam lidar com situações cotidianas da vida. A escola representa continuidade da família, para os pais a instrução e socialização acontecem ao mesmo tempo, isso fica claro nas colocações como a função da escola é alfabetizar, educar, incentivar, orientar para se tornar uma pessoa crítica, preparada e “um ser humano melhor” (MÃE MARI), assim como esperam que a escola dê limites e atenção.

A escola tem um papel preponderante na contribuição do sujeito, tanto do ponto de vista de seu desenvolvimento pessoal e emocional, quanto da constituição da identidade, além de sua inscrição futura na sociedade. (SYMANSKI, 2009, p. 90)

De acordo com as colocações dos pais e alunos, a escola tem a função de educar a criança para que ela aprenda a conviver em sociedade para que além de cidadão, tenha formação profissional, contribuindo assim para a melhoria da sociedade. De acordo com Torres (2006), a escola tem funções sociais e uma delas é preparar o cidadão para o exercício da cidadania, vivendo como cidadão e profissional e isso os alunos esperam da escola ao dizer que ela deve preparar para a vida e para o trabalho.

Os pais ao esperarem que a escola “dê bom exemplo” (MÃE ROSELI) para afastar os filhos das drogas, esperam que a escola exerça uma função social de democratizar o conhecimento e que esse seja útil e forme cidadãos críticos. Silva (2008) coloca que a escola não deve ser só um lugar de aprendizagem, deve ser também um local de ações em que haja continuidade da vida afetiva e que haja momentos que além de discutir assuntos relativos à aprendizagem, se trabalhe valores como amizade e respeito.

Os pais, no **aspecto interatividade**, quando chamado à escola, 25% disseram que atendem o chamado, 25% que atendem e reagem bem, 25% disseram que “sempre que posso procura participar” (MÃE MARI) e 25% disseram que sua atitude é “estar presente em todos os problemas e resolver da melhor maneira” (MÃE EDUARDA).

Segundo os alunos entrevistados, quando os pais são chamados pela escola, para 25% eles reagem normalmente, para 25% não é das melhores, conforme a resposta da aluna Emanuely “a atitude de meus pais não são das muito boas, mas eles participam de todas as reuniões”, e para 25% é de participar das reuniões e 25% não opinaram.

Questionadas, as mães, se vão à escola com frequência, 50% disseram que sim, 25% que não e 25% que sempre procuram ir à escola. Dos participantes da pesquisa, 75% consideram que a participação dos pais junto à escola pode melhorar o desempenho e a aprendizagem. Segundo a mãe Mari “se participo, sei quais as dificuldades que ela possui”. Já 25% disseram que “pode melhorar para a criança rebelde que não quer ir à escola, muitas crianças não precisam de tanta participação

dos pais, porque tem boa vontade de ir a escola” (MÃE ROSE). Essa concepção reforça o que defende Ribeiro (2006), de que a participação da família se destina a rendimento e disciplina. A participação da família junto à escola, para 100% dos alunos, melhora o desempenho e a aprendizagem e a aluna Bianca diz “eu percebo que meus pais estejam por dentro de tudo”. Nesse ponto, a aluna Bianca concorda com a concepção dos professores.

No aspecto de participação na elaboração do PPP, 100% dos pais não tem conhecimento da proposta, embora uma dissesse que sim, mas se referiu ao programa “A União faz a Vida” (MÃE ROSE), projeto desenvolvido em parceria pela Fundação SICREDI, Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e Prefeitura Municipal de Mormaço.

A relação família e escola, de acordo com as colocações de pais e alunos, ocorre em função de problemas comportamentais e problemas escolares, poucos foram os apontamentos de aproximação da família para a construção de uma política pedagógica. Sá (2001) aponta a existência de uma “duplicidade discursiva”, pois a família demonstra que possui preocupação e desejo de se envolver com os assuntos escolares, enquanto que o discurso dos professores demonstra que há pouca participação da família em situações como acompanhamento das tarefas escolares e desempenho do aluno, nenhum colocou a questão da avaliação da escola, definição do calendário e currículo escolar, este aspecto se comprova na questão da elaboração e conhecimento da proposta político pedagógica que somente os professores têm conhecimento, logo pode se concluir que há certos espaços da escola que estão inacessíveis à família, como pode se constatar quando um dos alunos diz que “não falam com a gente sobre isso” (ALUNA EMANUELY) ao se referir à proposta pedagógica.

Também fica evidente que há um distanciamento entre família e escola, no caso de os alunos apresentarem dificuldades na escola. Paro (2000) explica que alegando baixo nível de escolaridade e ignorância a respeito da questão pedagógica, a escola deixa de contar com os pais que têm conhecimento, ainda diz que nas escolas públicas brasileira está disseminada a ideia de que “por sua condição econômica e cultural, precisam ser tuteladas, como se lhes faltasse algo para serem cidadãos por inteiro” (PARO, 2000, p. 305). No entanto, o que se percebe é que tanto família como escola buscam na educação a construção do conhecimento e do cidadão, somente não há muitos momentos de interatividade e

quando isso acontece os assuntos normalmente versam sobre problemas e não a construção de propostas.

Na **aproximação escola e família**, dos alunos participantes do estudo, 50% sugeriram reuniões para integrar família e escola, sendo que 50% destes sugeriram festas como outra forma de aproximação. Já 25% sugeriram oficinas e 25% a mudança de regras que tem na escola. Para aproximar escola e família 25% dos pais sugeriram mais reuniões na escola, 25% atividades em que os pais possam participar como: “gincanas, jogos, teatro...” (MÃE MARI), 25% sugeriram que os pais devem estar mais presentes e 25% diz que “o que os professores fizerem está bom”. Esta resposta reforça o que diz Ribeiro (2007, p. 2) “na cotidianidade da relação com a escola, os pais apresentam comportamento passivo e conformista, tendo dificuldade de se posicionar criticamente”.

Pelos dados da pesquisa junto à família, percebe-se que essa está disposta a participar, isso é comprovado pelas respostas dos alunos que disseram que os pais os incentivam e na grande maioria acompanham seu processo de aprendizagem e a educação é um dos únicos caminhos para a ascensão social, humana e futuro profissional. Também os alunos deixaram transparecer em suas respostas que a família tem de participar para garantir seus interesses educacionais.

CAPÍTULO 3

3 DESAFIOS DA GESTÃO ESCOLAR FRENTE À INTERAÇÃO FAMÍLIA/ESCOLA E À APRENDIZAGEM

Considerando que a escola, diante dos dados da pesquisa e do mundo globalizado, precisa de uma nova concepção e uma forma diferenciada de trabalhar, ou seja, sua ação construirá um aluno cidadão, crítico que em conjunto com sua família e escola se comprometa na busca de resultados melhores para atingir seus objetivos. Segundo Godoy (1999), a escola é o local onde se inicia a construção da sociedade e da cidadania, deve incentivar a participação de todos, visando a aprendizagem e o exercício da democracia.

A participação é uma necessidade humana, inerente a natureza social humana; é a partir dela que se conquistam instrumentos para a transformação da realidade, logo a escola, além de ser uma instituição social, precisa ser uma instituição democrática, pois

Em organizações democráticas administrativas – inclusive a escola – os funcionários são envolvidos no estabelecimento de objetivos, na solução de problemas na tomada de decisões, no estabelecimento e manutenção de padrões de desempenho e na garantia de que sua organização está atendendo adequadamente às necessidades do cliente. Ao se referir as escolas e sistemas de ensino, o conceito de gestão participativa envolve, além de professores e outros funcionários, os pais e os alunos e qualquer outro representante da comunidade que esteja interessado na escola e na melhoria do processo pedagógico. (LUCK, 2001, p.15)

Como nem a família, nem a escola conseguem sozinhas o desenvolvimento pleno dos discentes e educar está ligado à realidade, ao contexto social, político, econômico em que estão inseridas escola e família, conseqüentemente, o processo de aprendizagem está ligado ao que se conhece, portanto

Saber ensinar não é só transferir conhecimento, mas criar possibilidade para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula deve estar sendo um ser aberto a indignação, à curiosidade, às perguntas dos alunos, suas inibições: um ser crítico é inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 1996, p. 47)

Diante da colocação de Freire (1996) e da queixa dos professores de os

alunos estarem desinteressados e os pais pouco acompanharem o processo de ensino e aprendizagem e pela interação entre escola e família não ser a ideal, a gestão escolar tem o desafio de

Repensar a escola como um espaço democrático de troca e produção de conhecimento que é o grande desafio que os profissionais da educação, especificamente o gestor escolar, deverão enfrentar neste novo contexto educacional, pois o gestor escolar é o maior articulador deste processo e possui um papel fundamental na organização do processo de democratização escolar. (ALONSO, 1988, p.11)

A escola tem a difícil tarefa de considerar o conhecimento adquirido na vida e com práticas pedagógicas sociabilizar o saber, mas para que isso se concretize a escola necessita de uma gestão democrática e participativa.

Cabe aos profissionais de educação fazerem valer seu papel de educador, dando ênfase a um ensino mais democrático, com diálogos abertos, com informações que provoquem reflexões a respeito dos fatos sociais existentes. É importante que se trabalhe sempre com o concreto, assim o educando se sentirá estimulado a criar situações como todo o processo democrático, que é um caminho que se faz ao caminhar. (PARO, 1997, p.17)

Se a escola adotar essa postura pode ter mais êxito em atingir os anseios e expectativas dos pais, alunos e professores que é educar para a vida, para ser um ser humano melhor e para ter qualificação profissional, além de cidadão.

A solução de um problema ou situação está na tomada de decisões, esta tende a ser mais produtiva quando partem da coletividade, portanto a escola precisa de projetos e um deles é o PPP.

Projetos que funcionam são aqueles que correspondem a um projeto de vida profissional dos que são envolvidos em suas ações e que, por isso mesmo, já no seu processo de elaboração, canalizem energia e estabelecem orientações de propósitos para a promoção de um melhoria vislumbrada. Há de se ressaltar ainda, que problemas e soluções, envolvem pessoas, passam pelas pessoas e são delas decorrentes. (LUCK, 2001, p. 58)

É por essa razão que a gestão escolar não deve apenas buscar a melhoria do gerenciamento da escola, mas deve também buscar a melhoria da qualidade do ensino, construindo mecanismo de fortalecimento dos laços de aproximação entre escola e família.

Uma ligação estrita e continuada entre os professores e os pais leva, pois, muita coisa que a uma informação mútua; este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aprimorar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar reciprocamente aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se a uma divisão de responsabilidade. (PIAGET, 2007, p. 50)

Desta forma, ressalta-se que o intercâmbio é fundamental e o bom relacionamento é importante estar entre os envolvidos no processo de aprendizagem, pois a educação acontece na interatividade e nas trocas.

É preciso que a educação esteja em seu conteúdo, [...] adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformando o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história. (FREIRE, 1979, p. 21)

Considerando o pensamento de Freire, a gestão escolar tem de estabelecer um processo de mediação para que escola e família tenham como ponto de partida a própria escola, uma vez que o papel que a escola possui nessa parceria é imprescindível, partindo das necessidades e possibilidades da família, deve levar os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem a vivenciar situações que lhes possibilitem sentirem-se participantes e não somente expectadores.

Assim, juntas e em parceria construam as concepções para entender as transformações sociais, as interferências no processo de ensino e aprendizagem e para tal há a necessidade de constante aperfeiçoamento, uma vez que

os aprendizes se ajudam uns aos outros a aprender, trocando saberes, vivências, significados, culturas. Trocando questionamentos seus, de seu tempo cultural, trocando incertezas, perguntas, mais do que respostas, talvez, mas trocando. (ARROYO, 2000, p.166)

Na escola democrática, segundo Szymanski (2009), os educadores aprendem a trabalhar de forma coletiva, deixando de lado o medo de perder a autoridade, e principalmente a gestão escolar tem de nortear caminhos que garantam uma educação de qualidade e para tal deve ter políticas que garantam a participação na construção do Regimento Escolar, construção do PPP, sistema de avaliação e em reuniões de prestação de contas, de eventos e atividades, rotina da escola, conselho escolar e outros. Primeiramente precisa conscientizar a comunidade escolar para essa transformação e ter estratégias para que o aluno evolua e os pais se integrem

à escola, não só para acompanhamento do rendimento escolar ou comportamento de seu filho, mas que a participação favoreça o ensino e a aprendizagem, logo a interação família e escola é necessária, a fim de que ambas conheçam suas realidades, limitações e possibilidades, seus anseios e expectativas, a partir deste conhecimento e integração traçam, em cooperação, caminhos que facilitem o diálogo entre si para a melhoria da aprendizagem do filho e aluno e a gestão escolar é a responsável por promovê-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, tanto através dos dados da pesquisa, como pelo embasamento teórico, discutiu a importância da participação da família no processo de escolarização dos filhos e para a melhoria do desempenho e aprendizagem escolar. Verificou-se que os pais investigados consideram importante sua participação no processo escolar dos filhos, mesmo que essa participação ainda deixe a desejar tanto por parte dos pais como pela escola e alunos.

Percebe-se que essa participação é um grande desafio para aqueles que estão envolvidos com o processo educativo. É preciso que a escola e a família busquem cada vez mais uma relação de parceria com compromisso, a fim de superar as dificuldades existentes nessa relação, pois quanto mais espaço para as famílias, maior será a participação dos pais.

As dificuldades vivenciadas em acompanhar o processo escolar dos seus filhos vêm resultando em novas práticas de acompanhamento realizadas pelos pais. Isto é, quando não é possível ir à escola, procura-se auxiliar o aprendizado dos filhos no interior do lar ou busca-se a ajuda externa de pessoas com condições de fazê-la, no caso da ajuda; o importante não é atribuir à escola total responsabilidade pela educação, nem à família, pois buscar uma relação de parceria não significa transferir a responsabilidade da família para a escola, ou vice-versa, mas apoiar-se para minimizar as deficiências e lacunas que o contexto social coloca no processo de formação.

Com a realização do questionário, não somente os pais expuseram suas concepções e expectativas, mas a escola também pode fazê-la. Procurar corrigir as falhas e melhorar a interação precisa um re-planejamento do PPP da escola, onde os anseios de ambos possam ser contemplados.

Esse estudo não esgota a temática sobre interação família e escola, visto que vários questionamentos surgiram no decorrer do trabalho, portanto mesmo com vários apontamentos para superar o afastamento que ocorre entre a escola e família, e se ao mesmo tempo há aproximações de concepções e expectativas, surgem algumas indagações: O que leva os pais homens a não participarem nas reuniões e não acompanharem o processo de aprendizagem dos filhos? Por que a escola realiza tão poucos momentos de interação, se ao mesmo tempo ambas as

instituições o sugerem, inclusive que os pais participem em projetos e oficinas? Ao sugerirem palestras, quais são os conhecimentos que se está buscando com isso? Quais as formas de abertura que a escola poderá oferecer a família além do campo pedagógico e de acompanhamento e ajuda?

Diante destas indagações, pode-se concluir que a discussão do assunto só está iniciando diante da complexidade que é a interação escola e família. No entanto, o que já ficou esclarecido é que a aproximação e a tomada de decisões terão maior probabilidade de serem acertadas se discutidas e tomadas na coletividade, coordenadas pela gestão escolar democrática, através da qual a escola deve estabelecer um diálogo aberto com as famílias, considerando-as parceiras no processo ensino-aprendizagem, assumindo um trabalho acolhedor às diferentes expressões e manifestações das crianças junto às suas famílias, valorizando e respeitando as diversidades, pois cada família constitui-se de experiências, histórias e diálogos diferentes, tendo a escola de desenvolver a capacidade de observar, ouvir e também aprender com essas famílias. Cabe à escola, também, tornar os pais participativos, pois a família é essencial para o desenvolvimento do indivíduo, independente de sua formação. É no meio familiar que o indivíduo tem seus primeiros contatos com o mundo externo, com a linguagem, com a aprendizagem e aprende os primeiros valores e hábitos dos filhos.

O trabalho dos gestores é de aproximar a família à escola ou vice-versa, pois uma parceria de sucesso entre a família e a escola tem mais chance de uma educação de qualidade, para isso a escola precisa ter políticas de gestão que favoreçam a participação da família na educação escolar dos filhos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. M. de. **Viagens Maravilhosas de Marco Pólo**. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

ALONSO, M. **O papel do diretor na administração escolar**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1988.

AQUINO, J. R. G. Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas. 4. ed. São Paulo: Moderna, 1998. In: TREVISOL, M. T. C. **A (in) disciplina na escola**: sentidos atribuídos por profissionais da educação. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/909_555.pdf , Acesso em 19 agost. 2010.

ARROYO, M. G. **Ofício de mestre**: imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2000.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002.

BASSEDAS, E. **Intervenção educativa e diagnóstico psicopedagógico**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 11 out. 2009.

_____. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L9394.htm>>. Acesso em: 21 ago. 2010.

_____. **Relatório do SAEB 2003**. Disponível em: http://www.oei.es/quipu/brasil/RelatorioSaeb2003_3.pdf. Acesso em: 10 jun. 2010.

_____. **Conselhos Escolares**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Consescol/pr_lond_sttt.pdf. Acesso em: 9 ago. 2010.

_____. **Educar é uma tarefa de todos nós**. Um guia para a família participar, no dia-a-dia, da educação de nossas crianças. Brasília: Secretaria de Ensino Fundamental, Assessoria Nacional do Programa Parâmetros em Ação. Disponível em: www.scribd.com/doc/91519/cartilha. Acesso em: 29 jun. 2010.

CARVALHO, M. E. P. de. Escola como extensão da família ou família como extensão da escola. O dever de casa e as relações família-escola. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 94-104, jan./abr. 2004a.

_____. Modos de educação, gênero e relação escola-família. **Caderno de Pesquisa**, v. 34, n. 121, p. 41-58, jan./abril 2004b. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n121/a03n121/pdf>. Acesso em: 23 out. 2010.

_____. O dever de casa como política educacional e objecto de pesquisa. **Revista Lusófona de Educação**, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rle/n8/n8a06.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2010.

CAVALCANTE, M. Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares. **Revista Nova Escola**, São Paulo, n. 187, p.33-40, nov. 2005.

FERREIRA, N. S. C. Gestão da Educação e Formação: Notas para um projeto Pedagógico. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 14, n.1, jan./jun. 1998. Porto Alegre: ANPAE, 1998.

FRANCO, O. C. de M. **Práticas familiares em relação ao dever de casa**: um estudo junto às camadas médias de belo horizonte. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2002. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/pesquisa/bbe-online/det.asp?cod=53038&type=M>. Acesso em 06 jun.2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **Teoria e Prática da Liberdade**: Uma Introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREITAS, K. S. de. Uma Inter-relação: políticas públicas, gestão democrático-participativa na escola pública e formação da equipe escolar. **Em Aberto**, Brasília, v. 17, n. 72, p. 47-59, fev./jun., 2000. Acesso: em 20 ago. 2010.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1999.

GODOY, A. C. de S. Gestão escolar e prática reflexiva. In: BELOTTO, A. A. M.; RIVERO, C. M. da L; GONSALVES, E. P. (Org.). **Interfaces da gestão escolar**. Campinas: Alínea, 1999.

GOKHALE, S. D. A Família Desaparecerá? **Revista Debates Sociais**, n. 30, ano XVI. Rio de Janeiro, CBSSIS, 1980. Disponível em: <http://www.ines.gov.br/paginas/revista/TEXT02.htm>. Acesso em 02 set. 2010.

GOMES, H. S. Educação para a família: Uma proposta de trabalho preventivo. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, n. 4, 1994, p. 34-39.

KRUPPA, Sônia. Cadê o estado? Ninguém sabe, ninguém viu: As causas do problema. **Revista Nova Escola**, n. 207, novembro 2007. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-inicial/educacao-vista-pelos-olhos-professor-508821.shtml?page=3>. Acesso em 04 jun. 2010

LA TAILLE, Y. de. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, J. G. (Org.) **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus,

1996.

_____. **Piaget, Vigotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: SUMMUS, 1992.

LACAN, J. **A família.** Lisboa: Assírio e Alvim, 1987.

LIBÂNIO, J. C. de; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização.** São Paulo: Cortez, 2005.

LUCK, H. et al. **A escola participativa: o trabalho do gestor escolar.** 5 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

MAIA, B. P.; BOGONI, G. D. **Gestão Democrática.** Coordenação de Apoio à Direção e Equipe Pedagógica–CADEP. 2008. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/custom?q=cache:JMyt3nIn8JcJ:www.cpmda.rcycosta.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/5/430>. Acesso em: 02 fev. 2010.

MAIMONI, E. H.; BORTONE, M. E. Colaboração família-escola em um procedimento de leitura para alunos de séries iniciais. **Psicologia escolar e educacional**, Campinas, v. 5, n. 1, jun. 2001.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARQUES, J. C. Trabalho em Equipe e qualidade do ensino e da pesquisa. Administração participativa: compromisso e desenvolvimento. **Revista Universidade**, São Paulo: IBRAQS, jan./fev., 1994.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: UFMG, 1998.

PARO, V. H. **Qualidade do ensino: a contribuição dos pais.** São Paulo: Xamã, 2007.

_____. Administração Escolar e qualidade do Ensino: o que os pais ou responsáveis têm a ver com isso?. In: BASTOS, J. B. (Org.). **Gestão Democrática.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

_____. **Gestão Democrática da Escola Pública.** São Paulo: Ed. Ática, 1997.

PAROLIN, I. C. H. **Família e Escola: Instituições Parceiras.** IN: Temas em Educação II, 2003. São Paulo. **Anais...** São Paulo: Futuro Congresso e Eventos Ltda, 2003 p. 91-99.

PENIN, S. T. S.; VIEIRA S. L.; MACHADO M. A. M. I. **Progestão: como articular a função social da escola com as especificidades e as demandas da comunidade?.** Brasília: Consed, 2001.

PERRENOUD, P. **Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar**. Porto, Portugal: Porto Editora Ltda. 1995.

PIAGET, J. **Para onde vai à educação**. Rio de Janeiro. José Olímpio, 2007.

PILETTI, N. **História da educação no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1987.

PINTO, A. V. **Sete lições sobre educação de adultos**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

RAMOS, C. **Excelência na Educação: a Escola de Qualidade Total**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1992.

REBELO, J. A. da S.; CORREIA, O. N. de O. N. **O sentido dos deveres para casa**. Coimbra, Portugal: Gráfica de Coimbra, 1999.

REIS, R. P. Relação família e escola: uma parceria que dá certo. **Mundo Jovem**, n. 373. fev. 2007.

RIBEIRO, D. de F. A assimetria na relação família e escola pública. **Paidéia**, 2006. <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n35/v16n35a09.pdf>. Acesso em: 12 out. 2010.

RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SÁ, V. de A. Participação dos Pais não Escola: a eloquência das ausências. In: VEIGA, I. P. A.; FONSECA, M. (Orgs). **Dimensões do Projeto Político Pedagógico**. Campinas: Papyrus, 2001.

SACRISTÁN, J. G.; GÓMEZ, A. I. P. (org.). **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

SANTOS, B. S.; AVRITZER, L. Para ampliar o cânone democrático. In: SANTOS, B. S. (Org.). **Democratizar a democracia: os caminhos para a democracia participativa**. Porto: Afrontamento, 2003.

SEVERINO, A. J. A escola e a construção da Cidadania. In: SEVERINO, A. J. et al. (Org.). **Sociedade civil e Educação**. Campinas: Papyrus, 1992.

SHAFFER, D. R. **Psicologia do Desenvolvimento: infância e adolescência**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2005.

SILVA, R. G. da. **Qualidade na Educação Infantil: o atendimento especializado na sala de recurso multifuncionais**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, 2008. Disponível em: http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/5036/1/2008_RosemaryGuilardiSilva.pdf. Acesso em 20 agost. 2010.

SOUSA, A. P.; FILHO, M. J. Educação: a importância da família e da escola no processo socioeducativo da criança. **Educação brasileira**, Brasília, v. 28, n. 56 e 57,

p. 109-122, jan./dez. 2006. Disponível em: http://www.crub.org.br/admin/publicacoes/revista_ed_bras_56_57.pdf. Acesso em: 10 set. 2010.

SOUSA, A. P. de. A importância da parceria entre família e a escola no desenvolvimento educacional. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 44/7 10 de enero de 2008. Disponível em: <http://www.rieoei.org/deloslectores/1821Sousa.pdf>. Acesso em 20 out. 2010.

SPÓSITO, M. P. Educação, gestão democrática e participação popular. In: BASTOS, J. B. (Org). **Gestão Democrática**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A/SEPE, 2005.

SZYMANSKI, H. **A relação família/escola**: desafios e perspectivas. Brasília: Líber Livro, 2009.

TIBA, I. **Quem ama educa**. São Paulo: Gente, 2002.

TORRES, S. **Uma função social da escola**. 2006. www.fundacaoromi.org.br/homesite/news.asp?news=775. acesso em 15 jun. 2010.

TRANCREDI, R. M. S. P. **Visões de professores sobre as famílias de seus alunos**: um estudo na área da educação infantil. Trabalho de pesquisa, UFSCAR, 1999. Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/24/T0731755403999.doc. Acesso em 24 set. 2010.

TREVISAN, V. Cadê o estado? Ninguém sabe, ninguém viu. **Revista Nova Escola**, n. 207, novembro 2007. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-inicial/educacao-vista-pelos-olhos-professor-508821.shtml?page=3>. Acesso em 04 jun. 2010

TREVISOL, M. T. C.. **A (in)disciplina na escola**: sentidos atribuídos por profissionais da educação. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/909_555.pdf. Acesso em: 12 jun. 2010.

VASCONCELLOS, C. S. **Para onde vai o professor?**: resgate do professor como sujeito de transformações. São Paulo: Libertad, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987

VEIGA, I. P. A. (Org.) **Projeto político-pedagógico da escola**: uma construção possível. 23. ed. Campinas: Papirus, 2001.

VIANA, I. de O. de A. **Planejamento Participativo na Escola**: um desafio ao educador. São Paulo: EPU, 1986.

APÊNDICES

Apêndice A – Questionário para professores e diretora**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL****A INTERAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NO CONTEXTO DA
GESTÃO ESCOLAR**

Pesquisador responsável: Rui Ceccon

Orientadora: Profa. Ms. Alexandra Silva dos Santos Furquim

Prezado professor(a), solicito que você responda com objetividade e sinceridade ao questionário, o qual faz parte da pesquisa que estou desenvolvendo no curso de Especialização em Gestão Educacional à distância da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que tem como objetivo entender como ocorre a interação família e escola na prática, refletindo sobre a importância da interação família e escola no processo de aprendizagem escolar.

Dados de Identificação:

Idade: _____

Nome fictício: _____

Formação: _____

Telefone e e-mail para contato: _____

QUESTIONÁRIO (professores e diretor)

1) Qual é o papel da família na educação dos filhos?

2) O que você espera de ajuda da família em relação a seus alunos?

3) Para você, quais são as responsabilidades da família na educação dos seus filhos?

4) Na sua opinião, a família tem acompanhado o estudo dos filhos? De que forma?

5) Os pais participam das reuniões? Normalmente quem participa?

6) Você considera que a participação da família junto à escola pode melhorar o desempenho e a aprendizagem do aluno?

7) Quando seu aluno tem dificuldades na escola, o que você faz?

8) Para você, qual é a função da escola?

9) Na sua opinião, quando se deve chamar a família à escola? Por quê?

10) Os pais participam das reuniões pedagógicas? Por quê?

11) Com que frequência ocorrem as reuniões com pais na Escola? Você participa? O que normalmente é discutido nestas reuniões?

12) Como você se sente ao falar com a presença dos pais na escola?

13) Os registros das reuniões são feitos de que forma e para que servem?

14) O que aluno e família podem esperar da escola?

15) Como você avalia o diálogo entre escola e família?

16) Você conhece o Projeto Político Pedagógico de sua escola?

17) Em sua opinião, que atividades poderiam ser desenvolvidas para possibilitar e/ou ampliar a integração entre a escola e a família?

Apêndice B – Questionário para alunos**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL****A INTERAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NO CONTEXTO DA
GESTÃO ESCOLAR**

Pesquisador responsável: Rui Ceccon

Orientadora: Profa. Ms. Alexandra Silva dos Santos Furquim

Prezado estudante, solicito que você responda com objetividade e sinceridade ao questionário, o qual faz parte da pesquisa que estou desenvolvendo no curso de Especialização em Gestão Educacional à distância da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que tem como objetivo entender como ocorre a interação família e escola na prática, refletindo sobre a importância da interação família e escola no processo de aprendizagem escolar.

Dados de Identificação:

Idade: _____

Nome fictício: _____

Formação: _____

Telefone e e-mail para contato: _____

QUESTIONÁRIO (alunos)

1) Seus pais acompanham as tarefas escolares?

sim

não

às vezes

2) Em quais momentos eles ajudam?

no dia-a-dia

nos finais de semana

quando solicitados

3) Quem lhe ajuda em casa nos deveres escolares? Quanto lhe ajudam?

4) Seus pais tem dificuldade em lhe ajudar nos estudos e tarefas de casa? Em caso afirmativo, por quê?

5) Seus pais lhe incentivam a estudar?

6) Quando são chamado pela escola, qual a atitude de seus pais ou responsáveis? Participam das reuniões? Quem participa, normalmente?

7) Quando você tem dificuldades na escola e eles não conseguem ajudá-lo, o que você faz?

8) Para você, quais são as responsabilidades da família na educação?

9) Como sua família tem acompanhado os seus estudos?

10) Para você, qual é a função da escola?

11) O que você espera da escola?

12) Você considera que a participação da família junto à escola pode melhorar o seu desempenho e a aprendizagem?

13) Como você se sente na escola?

14) Você conhece o Projeto Político Pedagógico de sua escola?

15) Em sua opinião, que atividades poderiam ser desenvolvidas para melhorar a integração entre a escola e a família?

Apêndice C – Questionário para pais**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL****A INTERAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NO CONTEXTO DA
GESTÃO ESCOLAR**

Pesquisador responsável: Rui Ceccon

Orientadora: Profa. Ms. Alexandra Silva dos Santos Furquim

Prezados pais ou responsáveis, solicito que você responda com objetividade e sinceridade ao questionário, o qual faz parte da pesquisa que estou desenvolvendo no curso de Especialização em Gestão Educacional à distância da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que tem como objetivo entender como ocorre a interação família e escola na prática, refletindo sobre a importância da interação família e escola no processo de aprendizagem escolar.

Dados de Identificação:

Idade: _____

Nome fictício: _____

Formação: _____

Telefone e e-mail para contato: _____

QUESTIONÁRIO (pais)

1) Você acompanha as tarefas escolares do seu filho?

- sim
- não
- às vezes

2) Quais são os momentos de ajuda ao aluno?

- todos os dias
- finais de semana
- quando solicitado

3) Quanto ajuda nas atividades escolares?

- nada
- pouco
- muito

4) Suas dificuldades em ajudar, estão relacionadas à:

- falta de escolaridade
- falta de entendimento
- falta de tempo
- não gostar dos conteúdos
- não entende o conteúdo

5) Incentiva o aluno à buscar novos conhecimentos?

- sim
- não

6) Quando é chamado pela escola, qual sua atitude?

7) Quando seu filho tem dificuldades na escola e você não consegue ajudá-lo, o que você faz?

8) Para você, quais são as responsabilidades da família na educação dos seus filhos?

9) Como você tem acompanhado o estudo do seu(ua) filho(a)?

10) Para você, qual é a função da escola?

11) O que você espera da escola para seu filho?

12) Se vai à escola com frequência, como você avalia o diálogo entre a escola e a família?

13) Se você respondeu que não vai, qual a razão para não ir à escola?

14) Você considera que a sua participação junto à escola pode melhorar o desempenho e a aprendizagem de seu(u) filho(a)?

15) Como você se sente ao falar com o(a) professor(a) e a diretora da escola?

16) Você conhece o Projeto Político Pedagógico da escola que seu(u) filho(a) estuda?

17) Em sua opinião, que atividades poderiam ser desenvolvidas para melhorar a integração entre a escola e a família?

APÊNDICE D – Termo de consentimento livre e esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL**

Como pós-graduanda do Curso de Especialização em Gestão Educacional à distância na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), estou desenvolvendo a pesquisa “A interação família e escola no contexto da gestão escolar” sob a coordenação da Profa. Ms. Alexandra Silva dos Santos Furquim.

O referido trabalho tem como objetivo entender como ocorre a interação família e escola na prática, refletindo sobre a importância da interação família e escola no processo de aprendizagem escolar

Para tanto, eu, **Rui Cecon**, pesquisador responsável, comprometo-me em esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou questionamento que os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do telefone (54) 84021770 ou por e-mail ruicecon@hotmail.com.

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as dúvidas, espero a devida permissão do(a)

_____.

Em caso positivo, solicito a utilização das falas do(a) acima citado, sem identificação do nome, apenas com nome fictício, na monografia de conclusão de curso e publicações associadas. Então, cientes do escrito acima, assinam as pessoas envolvidas:

Pesquisador: _____

Estudante Participante (entrevistado): _____

Tio Hugo, 21 de outubro de 2010.